

esquinas

RODRIGO TRUJILLO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

esquinas

(Novela)

seguido de

Intuições de um mito africano

(Ensaio)

RODRIGO TRUJILLO

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre

2013

T866e

Trujillo, Rodrigo

Esquinas. / Rodrigo Trujillo. - Porto Alegre, 2013.

134 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

1. Narrativa Literária. 2. Criação Literária e Artística. 3. Intertextualidade. 4. Cidade. 5. Flâneur. I. Barberena, Ricardo Araújo. II. Título.

CDD 808.3

Bibliotecária Responsável: Anamaria Ferreira CRB 10/1494

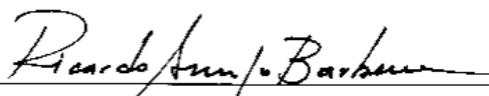
RODRIGO DE BÖER TRUJILLO

**ESQUINAS (NOVELA) SEGUIDO DE INTUIÇÕES DE UM MITO
AFRICANO (ENSAIO)**

Dissertação apresentada como
requisito para obtenção do grau de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras da Faculdade
de Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em 10 de janeiro de 2013

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena - PUCRS



Profa. Dra. Rita Lenira de Freitas Bittencourt - UFRGS



Prof. Dr. Biagio D'Angelo - PUCRS

Dedico todas as minhas palavras aos meus maiores
amores, Joanna e Valentín.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Ricardo Araújo Barberena, pelo estímulo e liberdade criativa.

Aos professores e colegas da PUCRS, pelos diálogos que, conscientemente ou não, participaram de todo esse cruzamento de palavras.

À secretaria do PPGL da PUCRS, por resolverem todas as minhas pendengas de bom-humor.

Ao CNPq pelo financiamento dos estudos e pela possibilidade de dedicação exclusiva para o projeto nos últimos meses.

A todos os escritores que eu gosto, pela inspiração e palavras roubadas.

À minha família e todos que estiveram ao meu redor suportando minhas obsessões.

À Joanna e Valentín, pelo amor e companheirismo.

SUMÁRIO

Prólogo.....	9
Esquinas.....	11
Intuições de um mito africano.....	115
Referências bibliográficas.....	133

RESUMO

Este trabalho apresenta uma narrativa inédita intitulada "Esquinas", de Rodrigo Trujillo. A seguir, é feito o estudo de um mito africano, o Exu, relacionado com alguns eixos centrais da narrativa anterior. São eles: o conceito de *flâneur*, de Walter Benjamin; o lugar do discurso latino-americano, a partir de Silviano Santiago; e a intertextualidade, de Julia Kristeva.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; flâneur; intertextualidade.

RESUMÉN

Este trabajo presenta una narrativa inédita titulada "Esquinas", de Rodrigo Trujillo. El siguiente es un estudio acerca de un mito africano, el Exu, en relación con algunos de los temas centrales de la narrativa anterior. Ellos son: el concepto del *flâneur*, de Walter Benjamin, el lugar del discurso latino-americano, a partir de Silviano Santiago, y la intertextualidad, de Julia Kristeva.

PALABRAS-LLAVE: ciudad; *flâneur*; intertextualidad.

PRÓLOGO

Os dois textos presentes neste conjunto são frutos de um mesmo processo. Talvez por isso, além da superfície mascarada por diferenças de gênero, tema e linguagem, eles não se diferenciem muito. São o desenrolar de uma mesma ideia ou talvez de uma mesma obsessão.

O primeiro deles, uma narrativa múltipla intitulada "Esquinas", tem como centro a história de um livro que não foi escrito. Admito que isso soe contraditório ao ser contado em primeira pessoa, mas não é o centro que cria seus sentidos, e sim seus cruzamentos.

A numeração dos capítulos tem um sentido arbitrário. Os algarismos arábicos pertencem ao nosso dinheiro, estão excessivamente ordenados e capitalizados. Os algarismos romanos, por sua vez, seguem livres para serem lidos como símbolos, sugerindo mais uma significação do que uma ordem, assim como um título. Por isso foram escolhidos.

Ainda que indiquem relações de continuidade temporal, os capítulos podem ser embaralhados a partir de uma simbologia dos algarismos. Pode-se assim criar um livro novo - que, por sua vez, pode acabar tendo mais valor que este - ou desvendar âmbitos diversos de uma mesma narrativa. Se alguém se dispor, está livre para isso.

O segundo texto, um ensaio intitulado "Intuições de um mito africano", creio que careça um pouco de responsabilidade teórica. São palavras escritas ao longo de um processo de composição pretensamente literário, talvez focado mais em seus efeitos de leitura do que em sua organização de informações.

Não me recuso a ver nele excesso de anacronismos, tautologias, insistência e deslizes de mau-gosto. Ainda assim, pode ser que tenha algum interesse para a leitura.

Por fim, o último tópico que merece ser comentado neste prólogo é a "Bibliografia". É a parte mais insuficiente. Diz mais a respeito dos livros que estão em cima da minha mesa neste momento do que dos textos que puderam estar de alguma forma envolvidos na construção de uma ideia - o que talvez seja imapeável.

Quem sabe um histórico biográfico de leituras fosse mais eficiente. Assim, pelo menos, quem o consultasse saberia que livros o autor não leu e porque se geraram as faltas do texto.

Como disse Brás Cubas, "o melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado". Esse já está muito grande e fica por aqui.

esquinas

(Novela)

RODRIGO TRUJILLO

(FOTOGRAFÍAS DE JOANNA TESTA)

EM MEMÓRIA DE JUAN CARLOS TRUJILLO.



Incipit é o começo do texto. Dizem ser a parte mais difícil de se escrever em uma narrativa. O leitor desta não precisa se preocupar, será apenas um pequeno parágrafo que resolverá a situação: finalmente entraremos na história e não precisaremos mais nos preocupar com este fragmento tão importante e tão complicado. A partir de agora contarei algumas cenas e acontecimentos com o intuito de entreter ou instigar quem se dispôr a ler estas páginas. Antes, que apenas fique claro que nem tudo é ficção. Ainda que a distinção entre a ficção e a realidade não me pareça totalmente necessária, se feita, talvez mostrasse como os acontecimentos da realidade podem ser muito mais inverossímeis do que os de uma novela. Enfim, vamos em frente.

Começava a entardecer quando desembarquei no Aeroparque Jorge Newbery e decidi pegar um táxi. Estava ansioso para imergir na cidade, principalmente depois de todos os trâmites no aeroporto, e seria impossível esperar até que um ônibus chegasse. Viajar de avião sempre me deixava desorientado. Era como se minha própria individualidade se deixasse ir com aqueles ambientes neutralizados e impessoais. Naquele momento, circular pelas ruas era a melhor forma de afirmar alguma identidade o mais rápido possível. O motorista sugeriu um trajeto mais longo para evitar os pontos de maior tráfego naquele horário, o que concordei. Estava sem pressa de chegar ao meu destino, e preferia cruzar ruas do que estar parado.

Depois de algumas voltas tivemos que pegar a *Avenida 9 de Julio*, para cruza-la e chegar a San Telmo. O trânsito estava congestionado, então o motorista perguntou se poderia ligar a rádio para distrair, o que

consenti. Tocava um tango antigo que eu não conhecia. Depois da canção, uma voz no rádio anunciava que o próximo dia seria de muito calor no período de sol e vento forte com grande queda de temperatura à noite. "BUENOS AIRES SEGUE TENDO TODOS OS CLIMAS EM UM DIA! EM HOMENAGEM A ESTE FENÔMENO, VAMOS CONTINUAR OUVINDO AS ESTAÇÕES DE PIAZZOLLA. AGORA, VERANO PORTEÑO. O TEMA FOI ESCRITO EM SESSENTA E NOVE. NÃO SEI SE ERA QUENTE ASSIM NA ÉPOCA DO MAESTRO, MAS A MÚSICA CAI BEM... RÁDIO PIRATA, A TRILHA SONORA DE BUENOS AIRES!" Comentei com o taxista que tinha achado engraçado o nome da rádio. "Sim, mas não é graça, são piratas mesmo", disse ele. "Tem muitas dessas em Buenos Aires, mas não duram muito. São sempre jovens de bairros que montam e se dão mal. Esta está muito boa! Já tem meses no rádio porque são mais espertos. Pegam em toda a cidade, mas ficam no ar apenas das seis da tarde às dez da noite, e a cada dia em uma frequência diferente. Por isso os homens não conseguem pegá-los". Perguntei como saber em que frequência ouvi-los na outra noite, para o que ele disse que "a voz te acha. É inconfundível. Se estás perdido pelas ondas do rádio ela te encontra. Fala muito, mas toca boas músicas também".

Fechei o vidro e troquei o som da rua pela música. Quando a voz voltou, se enveredou em uma discussão sobre a nacionalidade de Gardel. Havia um homem ao telefone que dava todas as razões possíveis para comprovar que Gardel era um exilado Francês. O radialista dizia ter visto seus documentos uruguaios, para que o telefone argumentou que se tratava de uma falsificação, feita para Gardel viver na América Latina com seus pais quando vieram da Europa. A voz do telefone era um pouco petulante e sem graça e a conversa já não era tão boa quando o motorista me cobrou os quarenta pesos e finalizou com sua própria versão da vida do cantor.

A pensão na *Calle Chile* foi fácil de achar por ser o único lugar sem luz no quarteirão. Era uma casa bem antiga quase na esquina com a *Calle Peru*. Ao descer do carro senti o calor que estava na rua e logo entrei. No térreo havia apenas uma mesa com algumas propagandas turísticas e uma vela, que iluminava os contornos de uma escada circular. No andar superior estavam o balcão de atendimento e os quartos do albergue. O rapaz que estava responsável se desculpou pela queda de luz, e afirmou já estar sendo cuidada. Não seria possível acessar minha reserva na lista de hóspedes naquele momento, mas poderíamos fazer um cadastro fantasma "e arrumamos tudo quando voltar a luz". Acertamos a burocracia e como eu ia ficar algum tempo consegui que ele me desse um quarto individual. A maioria dos quartos tinha oito a doze camas. Eu não precisaria compartilhar o quarto, mas o banheiro seria inevitável. "O quarto com banheiro, depois da cozinha, está alugado por toda a temporada, o sujeito está morando", "Se liberar me avise". Pedi uma vela para ele. Me deu três, "para caso o probleminha se estenda pela noite...".

Fui me acomodar no quarto antes de sair para tomar alguma coisa. Vinha com apenas duas valises - uma com minhas roupas e outra com minha portátil. Uma Olympia Traveler Deluxe, cor verde, igual à de Cortázar. Não era um adorador de máquinas de escrever, tinha esta desde que a achei no meio das coisas do meu avô na época de seu falecimento, guardada em uma valise forte, feita para viagens. Nesta época estava na minha segunda tentativa de escrever um romance enquanto ela me servia como um exemplar peso de livros e suporte de canetas em minha prateleira. Isso porque depois do que aconteceu com minha primeira novela escrevi sempre à mão, rejeitava o computador e qualquer tipo de teclado me deixava ansioso.

Estava obcecado, tentando chegar o mais perto possível do primeiro livro a partir de alguns trechos que haviam sobrado dele, decifrando outros e reescrevendo as partes que faltassem. Quando o trabalho já estava avançado comecei a me sentir como o Dr. Frankenstein e decidi abandonar a criatura inacabada enquanto era tempo. O texto era incoerente, com um narrador esquizofrênico de vozes descompassadas, um enjambre que no máximo dos elogios poderia ser chamado de *pós-moderno*, mas não era o que eu buscava. Queria escrever um romance barato mesmo, clássico e cômodo, como os que eu gostava de ler.

Meu primeiro romance estava saindo como eu esperava, claro, simples, organizado e óbvio. Estava no penúltimo capítulo quando meu computador estragou. O técnico conseguiu recuperar algumas músicas e fotos, mas os arquivos de texto foram todos corrompidos. Alguns trechos ainda estavam legíveis, outros tinham se tornado símbolos, como o parágrafo inicial

☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒
.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒
☒.0♠III1♠II2♠I.☒ ☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒
☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒.0♠III1♠II2♠I.☒☒

e foram completamente perdidos. Imprimi o que havia restado do livro e zerei o computador. Dediquei quase um mês estudando as combinações para conseguir decifrar alguns parágrafos que tinham caracteres descobertos, quando finalmente decidi recriar. O acidente havia acontecido justamente quando eu estava por descobrir quem seria o vilão no final da história e isso não me deixava abandoná-la. O segundo romance foi escrito em cima da mesma cena, mas desta vez ela não estava convencendo. Eu já não tinha uma ideia inicial e hesitava entre escolher

o dono da chapelaria ou o radialista como o criminoso, quando me dei conta que havia chegado tarde demais para solucionar o mistério. Abandonei a história para ler Walter Benjamin.

Ao pensar a Paris de Baudelaire, Benjamin disse que "qualquer que seja o rastro que o flâneur venha a seguir, cada um deles há de conduzi-lo a um crime". Era minha indicação inicial de como arranjar um crime novo e escrever um outro livro. Comecei flanando na minha própria cidade, mas não funcionou. Os lugares e as pessoas eram conhecidos, e os que não eram foram ficando familiares com as minhas caminhadas. Estavam impregnados da rotina e da realidade e soava impossível ou pelo menos antiético ficcionalizá-los e incriminá-los. Era preciso um lugar novo, onde eu fosse um anônimo cercado de anônimos, prontos para serem personagens.

Depois de conviver muito tempo com a minha Traveler sem percebê-la, um dia qualquer seu nome e sua valise me estimularam a buscar um crime em alguma cidade grande, o único lugar que teria um anonimato dinâmico e incessante ao meu dispor. Pesquisei as cidades que estavam mais em conta para viajar e acabei escolhendo Buenos Aires. Primeiro por ter um rio, e as cidades com rio são mais soturnas e graves, por isso mais adequadas para um romance policial (as cidades com praia são muito festivas e exigem menos cautela e mais emoção, enquanto as cidades sem rio nem praia são constantes e realistas demais para este fim). Segundo porque aquele rio era a nascente do romance policial na América Latina, ou pelo menos o porto por onde entraram no continente, com as traduções e publicações de Borges e Bioy Casares no século XX.

A cidade tinha uma tradição de crimes e lá devia haver algum para mim. Como o país estava passando por uma crise econômica, a viagem sairia barata seria possível ir

de avião com as minhas economias. Ainda que eu preferisse ir de ônibus, acompanhando a transformação da paisagem, ir por terra criaria uma continuidade comigo mesmo e com a minha cidade. Seria como se eu fosse sendo apresentado gradativamente ao espaço, nos tornando íntimos e conhecidos. O avião, por outro lado, era a supressão deste espaço e a conquista do anonimato.

Agora que eu estava ali não sabia por onde começar a buscar meu crime, então decidi primeiro me estabelecer. Guardei minhas roupas, deixei a Traveler montada, disposta a qualquer ideia, e saí para tomar um café. Na portaria o mesmo rapaz repetiu a mesma notícia sobre a luz, que em breve voltaria. Era domingo e a noite já havia caído. San Telmo estava tranquila, mas com algum movimento turístico. Comecei a descer a *calle Chile* em direção ao porto e na segunda quadra após o albergue vi um vendedor ambulante que parecia estar acabando seu dia de trabalho. Vinha ouvindo um pequeno rádio à pilha com um som bastante alto para o tamanho do equipamento.

"TENHAM UMA BOA NOITE DE FRIO EM BUENOS AIRES! AMANHÃ, A PARTIR DAS SEIS DA TARDE ESTAREI DE VOLTA À RÁDIO PIRATA, EM UMA NOVA FREQUÊNCIA COM CLÁSSICOS DO TANGO E MITOS PORTENHOS! AGORA FIQUEM COM UMA SELEÇÃO DE TANGOS FEITA ESPECIALMENTE PARA ESTA NOITE DE DOMINGO!" Começaram alguns tangos não nomeados, a maioria de gravações bem antigas. Era a mesma estação de rádio que eu tinha ouvido no táxi. Ela tinha me feito sentir em contato com a cidade. Pensei que seria bom ter um rádio também. Poderia ser uma boa companhia para as caminhadas.

Segui pela rua e poucos metros depois, quando já não se ouvia mais o rádio do vendedor ambulante, encontrei um lugar curioso. Um pequeno café de esquina na própria *calle Chile* com a *Bolívar*. Não tinha mesas na rua, mas o interior estava iluminado e parecia aconchegante. Na fachada havia uma placa.

la poesía

BAR LITERARIO - CAFE DE ARTE

ESQUINA DE ENCUENTRO

Era um pequeno salão estreito e longo. O balcão era de armazém, com pães e bebidas à mostra, e a parede de frente parecia de um *jazz club* antigo, com um piano e fotografias em preto e branco de shows de pequeno porte mas elegantes. Havia uma boa quantidade de pessoas no bar, mas não estava lotado, então fui me sentar em uma mesa perto do piano, já que ninguém estava tocando. O som ambiente era algumas gravações antigas de tango, como na rádio, mas em um volume discreto, o que me fez sentir o passado como algo perseguidor naquela zona. O velho do balcão, um rosto antigo que controlava o caixa, mandou que uma das garçonetes viesse me atender.

- Olá, gostaria de alguma coisa?

Soaria mal pedir um crime, uma história ou um romance, então respondi "Nada." "Nada? Nem uma água?" Me dei conta que a minha resposta não fazia o menor sentido e resolvi improvisar, "Vou esperar mais alguém chegar." Ela se foi e eu fiquei na mesa, pensando no que havia dito. Não havia ninguém para esperar, e eu não sabia o que queria estando por lá.

Disse para a garçoneite que como era proibido fumar no interior do bar, iria fumar um cigarro em frente. Saí e caminhei à esmo pela cidade, ouvindo seus barulhos e olhando suas ruas até de madrugada, quando voltei ao albergue.

“Uma embriaguez apodera-se daquele que, por um longo tempo, caminha a esmo pelas ruas. A cada passo, o andar adquire um poder crescente; as seduções das lojas, dos bistrôs e das mulheres sorridentes vão diminuindo, cada vez mais irresistível torna-se o magnetismo da próxima esquina, de uma longínqua massa de folhagem, de um nome de rua. Então chega a fome. Ele nem quer saber das mil e uma possibilidades de saciá-la. Como um animal ascético, vagueia por bairros desconhecidos até desmaiar de exaustão em seu quarto, que o recebe estranho e frio.”

WALTER BENJAMIN, *Passagens*

As portas do quarto tinham sua parte superior feitas de vidro e se pareciam com janelas. Davam à casa a impressão de ter pertencido a algum senhor portenho tradicional antes de se tornar albergue. Imaginei que ali devia ter sido uma sala de leituras ou escritório, com estantes de livros que cobrissem toda a parede até o teto, que era bem alto. Certamente seria necessário uma escada para alcançar os volumes guardados no topo, que poderiam ser os mais banais, pela falta de uso, ou os mais valiosos, pela posição resguardada e estratégica. Talvez este senhor fosse um escritor e sua escrivaninha ficasse onde estava minha cama ou em frente à janela. Não deviam haver prédios em volta da casa em seu tempo, e dali haveria uma bela vista do bairro e um bom espaço de céu aberto. O que ele escrevia naquele quarto? Talvez fosse um cronista do bairro, que passasse muitas horas olhando pela janela. Ou um poeta, que olhasse para o céu até cansar as retinas. Talvez fosse um homem que passasse muito tempo fazendo as duas coisas e não conseguisse escrever obra nenhuma e se sustentasse com um emprego burocrático no centro da cidade e vivesse com a promessa de um livro, como o homem que se hospedava no aposento agora - eu.

Como o quarto dava de cara com o hall de entrada, os proprietários do albergue haviam coberto o vidro das portas com um tecido vermelho para isolar o ambiente. O tecido era muito fino, e qualquer luz ligada faria com que o interior do quarto ficasse completamente visível para quem estava de fora. Era como dormir no saguão do albergue. Como estava exausto da caminhada, a casa estava sem luz e as velas estavam todas guardadas, não me

importei muito com a falta de privacidade e me acomodei na cama.

Foi como se meus olhos concentrassem toda a energia que restava no meu corpo, ficando totalmente despertos enquanto o resto adormecia. Olhei cerimoniosamente a minha Traveler enquanto sentia minha consciência se dispersando, atingido o estado chamado de madorna, a fronteira entre o sonho e a prontidão. Foi quando a história que eu buscava começou a se desenrolar claramente para mim. As imagens surgiam e se desenvolviam sozinhas. Eu percebia o detetive, suas dúvidas, a cena do crime... Senti que o tempo não estava mais presente. Enquanto meus olhos percebiam as paredes e cortinas do quarto por alguns segundos, uma ação de dias se desenvolvia em minha imaginação.

Em vão tentei me levantar e ir até a máquina de escrever montada em cima da escrivaninha, mas meu corpo não respondeu. Apenas meus olhos ainda não estavam adormecidos. Prometi a mim mesmo, com a última energia que tinha, lembrar da história pela manhã e escrevê-la. Me esforcei para manter meus olhos abertos. Sentia que se os fechasse, mesmo que fosse para uma rápida piscadela, eles não abririam mais. Era como resistir à própria morte. Consegui manter meus olhos abertos por mais alguns segundos, mas eles começaram a ficar secos. Estes segundos levavam a trama policial aos seus limites. O tempo ia se condensando, até que se dispersou por completo. Meus olhos se fecharam.

Abriram apenas na manhã seguinte, quando eu já não fazia ideia do que havia se passado com o detetive da noite passada, nem como ele era e nem o que buscava. Havia sobrado em mim apenas uma estranha memória da cidade chuvosa e completamente vazia...

"Escrever é maçante, pois se trata de um trabalho braçal. Antes de iniciar a escrita, na fase das ideias, é onde se dá a primeira leitura do escritor. Na hora mesma de escrever já acabou o prazer e o trabalho vira dor. A verdadeira literatura deve ser algo na esquina entre estas duas etapas, por isso é um equilíbrio raro."

Paul Valéry, *Monsieur Teste*

O homenzinho caminhava apressadamente pela Calle Corrientes debaixo de uma chuva torrencial. Com uma mão segurava o guarda-chuvas e com a outra um pequeno papel em que havia anotado o endereço que devia encontrar. Finalmente chegou em frente ao nº... e entrou. Era um prédio antigo de poucos andares. Não havia porteiro e os apartamentos não estavam numerados. Deixou o guarda-chuvas na entrada e subiu até o segundo piso. Como não havia indicações nas portas bateu na única que tinha um capacho em frente escrito "welcome".

Um homem de rosto fechado, vestindo um sobretudo e fumando um Havanna, abriu uma fresta da porta e olhou o outro de cima abaixo. O homenzinho parecia nervoso e apressado.

- O que quer?

- Busco o detetive Castellis - disse o homenzinho, enrolando nervosamente seu bigode. Sou Rodolfo, mordomo do Dr. Costa. Venho em nome de sua mãe em um caso de urgência.

O homem de sobretudo abriu toda a porta e indicou a Rodolfo que passasse. A sala estava escura e havia apenas alguns arquivos de metais, uma mesa larga e três cadeiras. No teto, o ventilador girava lentamente, produzindo um rangido agudo e constante.

- Sou o detetive Castellis. O que há com o Dr. Costa?

- Sumiu esta noite, seu detetive. Sua mãe disse ter ouvido barulhos no escritório, mas não se importou, pois ele sempre ficava nervoso quando passava a noite trabalhando. Quando a senhora Costa se levantou foi ver se o filho havia passado toda a noite no escritório, mas ele não estava lá. O Dr. Costa nunca saía de casa a não

ser para ir trabalhar. Há marcas de sangue na sala e a senhora está muito nervosa. Pediu para eu chamar o senhor com urgência antes mesmo de comunicar à polícia e partiu para a casa de sua irmã, em La Plata.

O detetive Castellis olhou profundamente para o mordomo Rodolfo enquanto dava uma longa tragada em seu Havanna. Colocou o chapéu, apagou o charuto e se dirigiu à porta resmungando.

- Vocês não sabem com o que estão lidando, resmungou Castellis. Preciso ver o local. Vamos com meu carro. Onde fica a casa?

- Calle Chile, San Telmo.

O dois partiram para San Telmo em alta velocidade no Peugeot do detetive. A tarde continuava chuvosa naquele domingo em Buenos Aires. Um estranhamento pairava na metrópole ausente de sua multidão.

"A arte de capturar, sonhando, a tarde nas malhas da noite, é fazer planos. O flâneur a fazer planos."

WALTER BENJAMIN, *Passagens*

Um aspecto importante sobre Buenos Aires que deve ser desmistificado é a sua temperatura. Acredita-se que Buenos Aires seja fria, invernal, irmã de Paris, mas só se conhece realmente a cidade ao vivê-la no calor, que é uma de suas características mais marcantes. O frio cria uma máscara europeia à cidade e nos impede de entrar na Buenos Aires de verdade. Ficamos presos no campo do fetiche, desta vez turístico. O turismo, ao menos como vem sendo largamente praticado, é o exercício da ignorância, pois todos usam câmeras fotográficas como óculos e possivelmente a dinâmica da viagem em avião impeça que a mente de muitos crie as sinapses necessárias para se perceber que se está fora de lugar, não se tratando apenas de uma troca de portas em um aeroporto.

O verão portenho desnuda Buenos Aires com seu calor. A cidade, antes representada de forma eurocêntrica, assume sua face latina, talvez até mesmo adquira uma imagem insuportavelmente latina. Digo insuportavelmente porque o calor portenho é realmente insuportável. Qualquer um que tenha vivido esta experiência sabe ser um dos piores calores terrestres, marcante e inesquecível. Logo ao entrarmos em Buenos Aires nesta época do ano somos abraçados por sua temperatura, e como a cidade é também abraçada por um rio, seu calor é abafado, parecendo-se com uma manta ou um edredom que nos envolve. O sol não deixa pontos escuros na rua e impossibilita a visão de qualquer um que não esteja preparado ou pelo menos não tenha os equipamentos necessários para a existência neste ambiente.

O contraste entre o calor e a arquitetura das construções mais antigas da cidade, advindas de diversas regiões da Europa, e não apenas de Paris, que cria o

fetichismo invernal da cidade, só serve como confirmação de que verdadeiramente estamos na América Latina, pelo contexto fora de lugar do ambiente. Da mesma forma os músicos e bailarinos de tango, que iniciam suas performances vestidos à caráter para agrado dos turistas, consumidores da estética tangureira como foi popularizada pelos franceses em sua "época de ouro", aos poucos vão se desvestindo, terminando as apresentações desengravatados, em mangas de camisa e banhados em suor, mas mantendo o chapéu, que se trata claramente de um signo diferenciado.

As coisas só não acontecem assim com os artistas que trabalham na feira dominical do bairro de San Telmo, pois esta funciona de uma forma à parte na cidade, como se fosse uma explosão de sua essência fantástica. Se parece com um circo, e há dançarinos de tango, músicos de bossa nova, ventríloquos, estátuas humanas etc. É como um cruzamento de tudo o que é possível, todas as épocas e linguagens artísticas, de forma indistinta. Foi lá que comprei, de uma cigana velha, meu *walkman*. Toca fita cassete e faz gravação de voz, mas o comprei para poder ouvir a estação de rádio que havia conhecido no táxi e encontrado de novo na *Calle Chile*. Por apenas vinte pesos tinha resolvido minha situação e já teria um companheiro de caminhadas.

"Buenos Aires é uma tradução da Europa, de muitas línguas e de textos urbanos em conflito, refratada pelo feito inevitável de sua localização na América."

BEATRIZ SARLO, *Buenos Aires: o exílio da Europa*

O radialista anunciou que tocaria um tango de Fresedo acompanhado pelo trompete de Dizzy Gillespie.

DIZ A LENDA QUE EM UMA PASSAGEM FORTUITA POR BUENOS AIRES, DIZZY GILLESPIE FOI AO *RENDESVOUZ PORTEÑO*, ONDE A ORQUESTRA DE FRESEDO SE APRESENTAVA, POR INDICAÇÃO DE UMA URUGUAIA QUE O ACOMPANHAVA NESTES DIAS. DURANTE A EXECUÇÃO DE UMA DAS MÚSICAS, SENTADO NA PLATEIA SEM SER RECONHECIDO PELOS DEMAIS, COMEÇOU A IMPROVISAR EM SEU INSTRUMENTO, ACOMPANHANDO O TANGO, PARA IMPRESSIONAR A COMPANHEIRA. CONTAM AINDA QUE O MAESTRO ARGENTINO NÃO ESBOÇOU NENHUMA REAÇÃO EM RELAÇÃO AO MÚSICO QUE SE EXIBIA, MAS QUE O RECEBEU COM CORDIALIDADE, INDICANDO AO CANTOR DE SUA ORQUESTRA QUE CEDESSE SEU ESPAÇO NAS CANÇÕES AO TROMPETISTA, QUE NESTE MOMENTO JÁ HAVIA SIDO RECONHECIDO POR SUAS BOCHECHAS INFLADAS. FRESEDO E GILLESPIE NÃO CHEGARAM A CONVERSAR NO FIM DA APRESENTAÇÃO POIS O AMERICANO DEIXOU O BAR JUNTO DA URUGUAIA ANTES QUE TUDO SE ACABASSE. ALIÁS, FRESEDO E GILLESPIE NUNCA SE FALARAM, NEM ANOS DEPOIS, QUANDO TIVERAM CONTATO COM MAIS FREQUÊNCIA. TALVEZ DEVIDO AO INGLÊS DE GILLESPIE, QUE ERA MUITO JAZZÍSTICO PARA O ARGENTINO? SE COMUNICAVAM ATRAVÉS DA MÚSICA... ISSO SIM. CADA UM COM SEU PRÓPRIO IDIOMA, MAS COM A MESMA LÍNGUA. MAS O QUE INTERESSA É QUE SURTIU UM TIPO DE COSTUME ENTRE OS DOIS APÓS ESTE ENCONTRO. VÁRIAS INTERVENÇÕES COMO ESTA SE DERAM NA DÉCADA DE 50, SEMPRE EM PEQUENAS APRESENTAÇÕES NAS NOITES DE BUENOS AIRES E NOVA IORQUE, QUANDO SURTIA INESPERADAMENTE UM BANDONEÓN OU UM TROMPETE DO MEIO DA PLATEIA QUE PARECIA TOCAR UMA OUTRA MÚSICA QUE ESTRANHAMENTE SINCRONIZAVA COM A DOMINANTE. AS OPINIÕES DOS BIÓGRAFOS SE DIVIDEM EM DUAS EXPLICAÇÕES PARA ESTE COSTUME: ALGUNS AFIRMAM QUE SE DEU POR UMA ADMIRAÇÃO MÚTUA ENTRE OS ARTISTAS; OUTROS, MAIS OUSADOS,

DIZEM QUE FOI UMA GRANDE RIXA DE GÊNEROS MUSICAIS QUE SE MANTEVE ENTRE OS DOIS, RAZÃO PELA QUAL SE DAVA A TENSÃO DOS ESTILOS DO SOLISTA E A HARMONIZAÇÃO TANGUEIRA DE FRESEDO, QUE PARECIAM SEMPRE EM UM CERTO DESARRANJO.

A voz ainda disse que valia mais a pena ouvir do que explicar. Anunciou que gravação era ao vivo, em um bar portenho, no ano de 1956 e a música se chamava *Vida mia*. "RÁDIO PIRATA!" Pensei que se fizesse um filme, aquela música seria a trilha da cena inicial. Uma câmera que fosse focando partes de um quarto - um livro aberto, um óculos atirado, uma cama bagunçada - até sair da janela para a cidade. Talvez fosse melhor fazer um filme... Mas também não sei que história contar e a cena inicial continua parecendo meu quarto e nada mais. Além disso, um filme é tão caro de se fazer... Melhor seguir o livro.

*Vida mia,
lejos mas te quiero.
Vida mia,
piensa en mi regreso.
Se que el oro
no tendra tus besos,
y es por eso
que te quiero mas.*

EMILIO FRESEDO, *Vida mia*
(tango de Osvaldo Fresedo)

Esta história foi contada por um taxista que me levou da Recoleta ao albergue em San Telmo em uma segunda-feira à noite. Chovia muito e havia poucas pessoas na rua. Mesmo os restaurantes e bares quase não tinham clientes. A Recoleta ficava bastante sombria com a ausência dos turistas e o cemitério tradicional do bairro impostava sua presença. Eu estava ensopado, e quando parei o táxi o motorista ficou algum tempo me olhando antes de abrir a porta. Embarquei no táxi na *Avenida Alvear*, cruzando a praça em frente ao cemitério.

Quem fala é o taxista:

"*Che*, o que faz por estas ruas, com este tempo, sem um guarda-chuva? Desculpe estranhar o senhor, mas é que já aconteceram algumas coisas curiosas por estas bandas em dias assim, e vê-lo encharcado me fez lembrar do que houve com um colega meu, Juan Carlos Galmán. O pobre ficou perturbado e nunca mais conseguiu trabalhar no táxi depois disso. Hoje está vendendo ovos na feira, por causa da crise, sabe como é, e eu não quero arriscar meu trabalho por nada deste mundo e nem do outro. O senhor me desculpe.

O que aconteceu com ele? Olha, não sei nem se é bom dizer. O senhor vai achar que nós, portenhos, inventamos um monte de bobagens. É mesmo? Bom, acredite se quiser, mas se o senhor visse o estado que ficou o pobre do Juan saberia que é verdade. Às vezes até lhe dou uma carona para a feira sem cobrar nada, para ajudar, sabe como é, temos que ser solícitos com os colegas, ainda mais que todo o ocorrido não foi culpa do pobre. São coisas que passam.

Isso faz pouco mais de dois anos. Era uma noite assim, chuvosa como esta, e ele andava procurando

clientes aqui pelas bandas da Recoleta. Andava, andava e nada. Nem os turistas decidiram sair naquela noite, pois a chuva era realmente forte, como poucas vezes se viu em Buenos Aires. O rio havia subido muitos centímetros e após poucas horas de chuva o rádio já dava notícias de alagamentos catastróficos em *La Boca del Riachuelo*. Meu colega andava pela mesma *Avenida Alvear* onde eu peguei o senhor, com a diferença de que o bairro não estava apenas calmo como hoje - não tinha uma viva alma na rua. Quando estava pronto para ir ao centro em busca de mais movimento, viu uma moça vestida de branco, do outro lado da praça, em frente ao cemitério, fazendo sinal. Ele parou o táxi e ela cruzou a praça em sua direção para embarcar. Quando a moça estava chegando ele pode ver que ela vinha vestida de noiva e estava toda encharcada, como o senhor, com a desculpa da comparação. Até isso acontecer Juan sempre fora um homem bom e atencioso, por isso ficou preocupado com a moça em tão más condições. Estranhou que ela estivesse vestida daquela forma e toda encharcada, como se fosse uma personagem destas novelas dramáticas que passam na tevê. Viu que nem a igreja estava aberta naquela noite, mas decidiu não perguntar nada para não constrangê-la, por educação. Quis apenas ser solícito, pois se via que a coisa não era boa. Perguntou se estava tudo bem, para o que moça respondeu que sim. Apesar de sua feição abatida disse que estava ótima, não se sentia bem assim há tempos e queria circular pelas ruas para ver Buenos Aires, pois estava com saudade. Juan não estranhou que ela não tivesse um rumo definido pois muita gente faz isso em Buenos Aires, sabe? Os gringos acham o táxi barato aqui e nos contratam para dar voltas por aí sem rumo. Chamam de passeio turístico, o que nos dá um bom dinheiro no fim das contas. Apesar da moça não parecer de fora, podia ser que

não morasse mais na cidade, não é certo? Talvez fosse apenas uma louca excêntrica, tem cada tipo nesta cidade. Juan decidiu não perguntar mais nada e seguiu em direção ao centro por um caminho mais longo. Só fazendo seu trabalho, sabe como é.

A moça foi ficando animada com o passeio. Ao passar por algumas ruas foi conversando mais com Juan, contando onde haviam morado alguns de seus amigos ou coisas que havia vivido por aquelas bandas no passado e estava maravilhada com as mudanças da cidade, que pouco reconhecia. Meu amigo é muito calado hoje, na verdade ele não fala mais, mas nesta época era um taxista tradicional de Buenos Aires, do tipo bem-humorado, é claro, e gostava de um papo, ainda mais com uma moça bonita como aquela. Depois de algumas voltas Juan perguntou se ela estava em algum hotel, se não queria ir trocar de roupa, colocar algo seco para não se gripar, disse que não haveria problema para ele em esperar e seguir o passeio. A moça respondeu que não estava hospedada em nenhum hotel e não tinha roupas na cidade, só aquele vestido. Juan já estava tão simpatizado com ela que não se interessava mais em achar nada estranho, queria sua companhia, e como as lojas não estavam mais abertas aquela hora, se ofereceu para passar na casa de sua irmã, que morava em um edifício na *calle Corrientes*, perto de onde estavam, para pegar uma roupa emprestada. A moça aceitou, mas pediu para ele mesmo buscar, para ela não precisar descer do carro. Juan parou em frente ao edifício de sua irmã, subiu rapidamente e voltou com outro vestido, estampado e fora de moda, que sua irmã havia separado para se desfazer.

Como ela não queria entrar na casa da irmã de Juan, e com a desculpa de ter um lugar mais cômodo do que dentro do táxi para ela se trocar, meu colega a convidou

para comer algo em Puerto Madero, em um restaurante que ele costumava ir uma vez por mês, que era a frequência que cabia dentro do orçamento, sabe como é? Ela aceitou, um pouco constrangida, e foram."

Neste momento entrávamos em San Telmo. O motorista me apontou uma casa de esquina qualquer e pediu para eu prestar atenção nela, pois em breve entraria na história.

"No restaurante a moça se trocou e os dois comeram um assado, tomaram vinho e conversaram muito sobre coisas diversas. Depois de algum tempo, quando já estavam à vontade para rir juntos, Juan perguntou seu nome. Alfonsina Bernabó era o nome da mina. *Che*, este nome não esqueço mais e tenho que fazer muita força para parar de pensar nele de noite. Pobre Juan, tão bom que era. O que passou foi que com o avançar da conversa meu colega quis saber mais da moça e perguntou o que ela estava fazendo vestida daquele jeito na Recoleta, sozinha aquela hora da noite. 'É atriz?', ele perguntou. Com muita dificuldade ela respondeu que não, baixou o olhar e começou a ficar visivelmente nervosa. Juan pediu perdão, disse que não queria ser inconveniente. Nessa altura o homem já estava encantado. Era divorciado e não namorava há muito tempo. Aquela cena romântica junto com a moça, que disse ele que era muito bonita, e eu pude ver em foto depois e confirmar o fato, era mais do que o suficiente para cativá-lo. Você já deve ter visto que há muitos destes taxistas sentimentais, tipos românticos, em Buenos Aires, não é certo? Isso é culpa destas radionovelas que ouvimos - e ele era o extremo disso tudo.

A moça disse que não havia problema, mas estava fora de si, suas mãos chegavam a tremer. Quando foi tomar um gole de vinho, deixou cair a taça e derramou o líquido no

seu vestido. Deu um grito assustado e pediu licença, sem deixar tempo para meu colega dizer nada e foi em direção à saída do restaurante que ficava do lado do rio, deixando seu vestido de noiva em uma sacola ao lado do banco. *Che*, Juan ficou mais de uma hora esperando a moça e ela não voltou. Ele ficou com a conta para pagar e o taxímetro com muitos quilômetros rodados gratuitamente. Mas meu colega era um homem muito sensível e não se importou com estas questões materiais, ficou apenas sentido por ter constrangido a moça pelo qual estava tão encantado. Guardou seu vestido no porta-malas do táxi, em um canto ao lado do gás e se foi. Ficou meses entristecido e só falava na moça.

É aqui mesmo que o senhor fica? Que pena, *che*, pois o melhor do caso estava por vir. Fica para uma próxima corrida, boa noite."

Estávamos na frente do albergue, que continuava sem luz. Fiquei curioso com o final da história e como é quase impossível pegarmos o mesmo táxi duas vezes em Buenos Aires, pedi para o motorista seguir um pouco mais até o *La poesia* e o convidei para tomar algo por minha conta, pois a conversa estava boa. Ele ficou faceiro e aceitou. Tomamos uma cerveja cada um antes dele voltar ao trabalho. Foi o tempo necessário para ele acabar o relato.

"O fato estava justamente neste ponto que parei de contar para o senhor quando Juan me contou em detalhes seu encontro com a moça, pobre coitado. Ele andava carente desde o divórcio, e como ainda era jovem, com muito para viver, o encorajei a procura-la. Ele não tinha um endereço ou um telefone para ir atrás dela, sabia apenas seu nome, que nunca esqueço e com certeza ele

também não, a bendita Alfonsina Bernabó. O que passou foi que meu colega ligou para todos os Bernabó que haviam na lista telefônica da cidade, procurando por Alfonsina. Não é um sobrenome tão incomum assim em Buenos Aires, e a pesquisa levou algumas semanas. A maioria não conhecia nenhuma Alfonsina, até que um dia atendeu uma mulher com uma voz velha que ficou em silêncio quando foi tocado no nome da moça. Juan pensou que a ligação havia caído e ligou de novo. Quando atendeu novamente a mulher perguntou 'O que o senhor quer saber da minha irmã?'. Meu colega contou sua história, disse que a tinha encontrado alguns meses atrás, que havia se encantado com ela, mas que não tinha ficado com nenhuma contato para achá-la novamente. A mulher do telefone ficou calada algum tempo, depois respondeu agressivamente: 'O senhor não deveria fazer este tipo de trote de mau-gosto com pessoas de idade' e desligou. Lembro de Juan ter comentado que ficou muito constrangido pelo engano, mas depois de ter ligado para todos os Bernabó que faltavam na lista telefônica sem nenhum ter conhecimento de uma Alfonsina Bernabó, resolveu buscar novamente a mulher com quem havia falado. Ligou novamente algumas semanas depois e disse 'Senhora, o que falei sobre Alfonsina não foi um trote. Realmente a encontrei há algum tempo, estava ensopada e vestida de noiva sozinha na Recoleta. Sou taxista, fiz uma corrida para ela e depois jantamos juntos. Acho que algo que falei a deixou constrangida, por isso ela foi embora. Dei a ela um vestido velho de minha irmã e ela deixou sua roupa de noiva no restaurante. Se ela não quiser me ver novamente, gostaria de pelo menos devolver o vestido para ela.' A mulher silenciou novamente, até que Juan começou a ouvir um choro na linha. A mulher mal conseguia falar, engasgada de choro, mas pediu para meu colega ir a sua

casa, no andar de cima de uma loja de San Telmo - aquela que lhe indiquei algumas quadras antes.

Pobre Juan. Sempre me lembro dele e sinto um mal-estar ao passar em frente daquela casa. Toda esta história me gela a coluna, mas um taxista deve fazer a rota que seu cliente pede, independentemente de suas questões pessoais. São as responsabilidades do trabalho. Pobre Juan, acompanhei tudo tão de perto que às vezes parece que foi comigo mesmo que tudo se passou. Quando Juan foi à casa da mulher, o vestido de noiva seguia em seu porta-malas. Ao chegar foi bem recebido, apesar do clima grave. A mulher parecia ter mais de sessenta anos e tinha um olhar bastante sofrido. Tomaram café e meu colega contou toda a sua história em detalhes. A mulher ouviu impassivelmente, até que quando acabou o relato ela disse: 'Sinto pela sua história, mas não posso ajuda-lo. Certamente não se trata de minha irmã mais nova. A Alfonsina Bernabó que conheci faleceu há vinte e sete anos. Se suicidou afogando-se no *Río de la Plata* após seu noivo ter desaparecido poucos dias antes do casamento. É uma infeliz coincidência para mim, mas feliz para o senhor, pois sua Alfonsina está viva. O corpo de minha Alfonsina foi encontrado na costa de Montevideo alguns dias depois de seu sumiço e hoje está enterrada no cemitério da Recoleta junto de nossos familiares. Veja, está é minha irmã falecida', e lhe mostrou alguns retratos. Ao ver a primeira foto da irmã vestida de noiva, Juan sentiu este mesmo frio na espinha que eu sinto ao contar a história. A mulher percebeu o mal-estar de Juan e perguntou se estava tudo bem. Como ele não respondia, ela lhe trouxe um copo de água. Quando a mulher voltou da cozinha, Juan lhe disse, com uma expressão de choque e os olhos estalados: 'É ela'.

Era a mesma mulher que ele havia pego em seu táxi em frente ao cemitério naquele dia chuvoso, ele não tinha dúvidas. Trouxe seu vestido do carro e mostrou à dona da casa, que instantaneamente adquiriu a mesma expressão facial de Juan."

"Qualquer que seja o rastro que o *flâneur* venha a seguir, cada um deles há de conduzi-lo a um crime."

WALTER BENJAMIN, *Charles Baudelaire:
um lírico no auge do capitalismo*

Era uma casa velha de esquina. As paredes de tijolo à vista emprestavam-na um tom rústico, enquanto o antiquário aberto no andar de baixo criava uma espécie de rosto à construção. Helena Bernabó morava lá desde sempre. herdara a loja do pai e, por apego à imagem do velho e saudade de momentos felizes passados naquele cenário, não havia mudado nada em seu interior.

A poeira estava impregnada por todos os cantos. Não saía. Era como se tudo lá dentro se desfizesse em pó, numa deterioração lenta e contínua que se preocupava em deixar marcas visíveis. Uma rápida olhada nos móveis estilo Luís XV na sala de entrada era o suficiente para envelhecer a aparência de um paletó novo e uma pesquisa mais dedicada no pequeno sebo montado na sala dos fundos deixava as unhas do pretense leitor impregnadas daquela poeira em todos os espaços e reentrâncias possíveis durante dias. Tinha-se a impressão de que qualquer coisa lá dentro, fosse um abajur, um livro ou um cliente novo, se tornava também uma peça de antiquário, pertencendo cada vez menos ao tempo presente.

Assim era também Helena, sentada o dia inteiro no meio daquelas peças antigas, indiscernível entre elas, igualmente empoeirada e igualmente velha. Quando a conheci havia pouco tempo que o sebo na sala dos fundos tinha sido inaugurado - mais tarde descobri que lá havia sido a biblioteca particular do pai da proprietária - na tentativa de trazer algum movimento financeiro para o estabelecimento. Um antiquário não se caracteriza pela acessibilidade de seus preços, e as antiguidades estavam em baixa com a crise do país. Por outro lado, um sebo novo sempre atrai a atenção de jovens estudantes de livros em busca de uma edição mais barata.

A história do taxista me impregnou de curiosidade a respeito da loja de Helena Bernabó. Por isso fui levado a fazer visitas contínuas para revisar os títulos disponíveis no acervo de livros. Esta frequência acabou criando familiaridade entre eu e Helena, e nos tornamos uma espécie de amigos. Ela sem muitas pessoas com quem conversar e eu agitado por todas as histórias que me incitavam aquele lugar - tanto pelos tomos disponíveis, e que se adequavam ao meu orçamento, quanto pelo mito criado em torno de Alfonsina Bernabó - era todo o necessário para estimular conversas variadas. Aliás, a primeira vez que a vi lembro ter pensado que ela se parecia com uma personificação da própria História, velha e sentada no meio daqueles objetos cheios de memórias. Mas isso passou quando a conheci melhor. Enfim. O que interessa aqui é relatar algo intrigante que aconteceu e que não tenho certeza do significado até hoje.

Me lembro de estar vendo um livro que não esperava encontrar ali, era escrito em português e cheio de gravuras - *Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia* - quando alguém entrou no antiquário. Na hora de sair demorei para me despedir de Helena, pois ela estava acabando um negócio com uma senhoria cujo e-locatário - um antropólogo francês que estava há alguns meses na cidade, vim a saber pouco depois - havia falecido e deixado o quarto cheio de livros e quinquilharias sem indicações para quem entregar. Para limpar o espaço e adquirir algum lucro, a dona do quarto decidiu vender tudo para o antiquário, que certamente se interessaria por aquele conjunto: pratos e xícaras de diversas épocas e partes do mundo, alguns abajures exóticos, um conjunto de máscaras africanas e uma pequena biblioteca. Assim que a senhora saiu fui pagar o livro, mas Helena se recusou a vender.

- Desculpe, querido, não posso lhe vender este, disse ela, mas devo lhe agradecer por achá-lo! Estava perdido desde que montei a livraria ali atrás. É uma raridade e vale muito dinheiro, mas mesmo que estivesse disposto a pagar não o venderia. Estas gravuras são de um sujeito da minha família, por isso tenho muito estima pelo livro, mesmo não entendendo uma palavra do que está escrito nele.

Era a primeira vez que Helena falava de seus familiares, então resolvi alongar a conversa para ver se ela comentava algo que pudesse confirmar a história do taxista. Disse que o livro falava sobre as religiões africanas no Brasil, o que a deixou encantada, então decidi indagar sobre as gravuras. Ela disse que as achava muito bonitas e lhe traziam muita alegria, mas não havia conhecido o artista, apenas sabia que ele tinha o mesmo sobrenome e que havia morado no Brasil até seu falecimento, "mas quando viveu na Argentina trabalhou até com Julio Cortázar!" Me animei com a história de Cortázar, que sempre foi um de meus heróis literários, e tive que me controlar para não desviar o foco de minha investigação. Acabei perguntando diretamente sobre o resto de sua família, se vivia em Buenos Aires, pois sempre a vira sozinha trabalhando na loja. Helena ficou um pouco constrangida e me respondeu com um ar triste:

- Querido, vivi toda minha vida nesta casa, com pais e irmãos, mas hoje todos me esperam no cemitério da Recoleta. Sou velha, não tenho filhos nem sobrinhos. Há muitos Bernabó em Buenos Aires e nos arredores, mas somos distantes. Esta loja vai funcionar enquanto eu estiver viva. Quando eu me for, vai ser leiloada ou entregue de presente a algum parente de quem que nunca ouvi falar.

Me desculpei pelo constrangimento, para o que ela falou que eram apenas "bobagens de velha", e tentei

estimulá-la dizendo que sua saúde estava muito boa e parecia ser uma pessoa de muita longevidade. Helena sorriu afetuosamente e agradeceu. Aproveitei o momento e me despedi. Quando estava abrindo a porta para deixar o antiquário, Helena ofereceu:

- Dê uma olhada nestes outros que chegaram. Eram de um intelectual recém falecido. Há muitos títulos em sua língua. Certamente algum vai lhe interessar.

Infelizmente tive que recusar a proposta pois estava bastante constrangido pela conversa sobre os familiares. Além disso, começava a entardecer, e esta era a minha hora predileta para andar sem rumo. Caminhava quilômetros à deriva, passando por bairros e ruas de Buenos Aires que nunca vou saber os nomes. No começo me convencia de que este era o melhor exercício para a minha criatividade, mas com o passar dos dias e a completa incapacidade que eu tinha em escrever uma página sequer em minha Traveler, as caminhadas foram ganhando sentido apenas em si mesmas. Eram um vício e uma dispersão. Agradei a proposta de Helena e fiquei de voltar no dia seguinte para ver as peças, pois havia me chamado muita atenção um livro de encadernação amarela que estava junto da leva.

"Todo es escritura, es decir fábula."

JULIO CORTÁZAR, *Rayuela*

Acabei não podendo cumprir minha promessa de voltar ao antiquário no dia seguinte. Fui à loja alguns dias depois, e parecia haver algo de diferente no ar. Era como se aquele lugar passasse a estar em outro tempo. Helena estava, como sempre, quieta e sentada entre as suas mercadorias. Não mencionei anteriormente que ela era uma leitora muito dedicada. Esperava seus raros clientes sempre lendo algum livro, mas desta vez ela parecia estar mais absorta em sua leitura do que o usual. Chegando mais perto notei que o livro era aquele com as gravuras de seu parente distante, e que ela não estava exatamente lendo, mas olhando.

Quando a cumprimentei, percebi em seu rosto uma jovialidade que antes não se encontrava lá. Não posso deixar de comentar que parecia que seus cabelos, antes grisalhos, tinham se tornado mais próximos do preto original e, além disso, não estava usando óculos. Apesar de um certo estranhamento, relevei o caso e perguntei pelos livros que haviam chegado no outro dia. Helena se apressou em me mostrar detalhadamente todos: não se tratava de uma biblioteca, mas sim de uma grande coleção de manuscritos. Helena se deliciava observando aquelas páginas, e as elogiava constantemente - "Não é muito bonito?", o que me fez pensar que ela não lia, mas apenas olhava, como as gravuras do outro livro. De minha parte, não entendia absolutamente nada da caligrafia daqueles escritos, que parecia desleixada graças à pressa ou à impaciência do autor. Eram escritos com as mais variadas cores e tipos de canetas, mas pareciam ser organizados, ainda que sua lógica pudesse não ser a mais óbvia ou corriqueira. Certamente não eram notas esparsas, mas algum projeto de livro.

Notei que a encadernação amarela que me havia interessado não tinha sido exposta por Helena, então resolvi perguntar se ainda estava com ela ou se havia sido vendida. A dona do antiquário foi rapidamente a um armário que ficava atrás de sua mesa e voltou com a encadernação.

- Desculpe, querido, disse ela. Estou velha e me esqueci que tinha guardado para você ver este livro. Desculpe se insisti nos outros, mas as imagens deles me parecem fascinantes. Este aqui está escrito em sua língua, se não me engano. Veja... - e me alcançou o tomo.

Era uma encadernação de couro amarelo e grosso como eu nunca tinha visto. Dentro eram folhas comuns, desgastadas pelo tempo. O texto havia sido datilografado em uma máquina de escrever, o que possibilitava a compreensão dos caracteres. Helena estava certa sobre a língua, todo o texto estava em português e se tratavam de fabulas breves, citações e trechos dispersos, tudo com menos de uma página cada. Li algumas rapidamente e com curiosidade, depois folheei o livro para ver se havia algum nome de autor, o que não encontrei.

Como estava guardado no armário particular de Helena, achei que ela pudesse ter algum interesse particular no livro. Perguntei se o exemplar estava à venda, sem grandes esperanças. Após uma risada, Helena respondeu:

- Não, disse, nunca poderia vender estas anotações. Quem iria querê-las? Depois riu de minha ingenuidade. Posso dá-lo este aqui de presente, já que está em sua língua, que nem entendo.

Agradei efusivamente aquele presente, que, eu não entendia bem porquê, tinha um valor especial para mim. Helena disse que era uma retribuição por achar o livro com as gravuras de seu parente. Depois começou a me

contar que após descobrir o tema do livro, passou a pesquisar as religiões africanas e tinha desenvolvido um interesse especial em torno de uma tribo que havia sido totalmente dizimada no período dos grandes tráficos negreiros. Esta tribo, quando viveu a desintegração de sua sociedade e a escravização dos sobreviventes, desenvolveu uma crença muito particular sobre o tempo. Acreditavam que o tempo se movia na direção inversa do que se costuma crer, sendo um movimento do futuro em direção ao passado. Para esta tribo, a vida iniciava na morte e com o passar do tempo íamos tornando-nos joviais até o momento do nascimento, que seria, por sua vez, o fim da vida. O presente continuava sendo a fronteira entre o passado e o futuro, mas suas perspectivas eram totalmente diferentes - lembramo-nos do passado, o que está por vir; o futuro, aquilo que já aconteceu, é indiferente e, por isso, esquecido.

Comentei que tinha lido algo semelhante em um romance de Herbet Quain, *April March*, que citava um filósofo chamado Bradley, que também acreditava na inversão do tempo. Helena ficou curiosa e disse que iria investigar. Deixei a loja sem poder deixar de me aterrorizar, pois tinha a vívida impressão de que Helena estava comprovando aquela teoria com sua própria existência.

"Noutras palavras, o processo é uma variante complexa da chamada dialética de forma e conteúdo: nossa matéria alcança densidade suficiente só quando inclui, no próprio plano dos conteúdos, a falência da forma europeia, sem a qual não estamos completos."

ROBERTO SCHWARZ, *Ao vencedor as batatas*

Castellis acendeu um cigarro enquanto dirigia. Fazia um par de anos que não trabalhava mais com o Costa, e desde então nunca mais o tinha visto. Sabia que o homem andava escrevendo alguns romances sobre detetives que vendiam muito bem nas bancas de jornal, o que só fazia aumentar seu ressentimento. Agora que o homem brilhante havia sumido se recorre novamente ao detetive marginal? Onde estão os detetives dos romances agora? Todos aqueles heróis não servem para nada. Para Castellis, essa era a diferença entre um homem que inventa um enigma comodamente em seu escritório e um detetive que se mete no problema dos outros quando eles mesmos não podem lidar. Além de ser esquecido e mal pago.

Rodolfo, ao seu lado no carro, não tinha coragem de falar uma única palavra. Hesitava até mesmo em pensar demais. De tempos em tempos, Castellis o olhava tão profundamente e com a cara tão fechada que parecia entender tudo que se passava em sua cabeça e reprimi-la. Este seria seu dia de folga. Ao invés de tirar o dia para andar de chinelos, se dedicaria a suportar um sequestro e acompanhar um detetive cheio de cigarros. Que má sorte, logo neste dia. Não que ele não sentisse pelo desaparecimento do patrão, mas o homem era estranho, e a despeito do que quer que tenha acontecido, não era ele quem deveria assumir a responsabilidade.

- O que o Costa vinha fazendo da vida, além daqueles livrinhos?, disse Castellis. Faz tempo que não vejo o homem, e não faço muita questão de acompanhar o mundo desses detetives.

- Estava muito bem, senhor Castellis. Escrevia sempre e viajava muito pela província. Nunca pareceu

nervoso com nada, detetive. Não sei o que poderá ter acontecido com ele...

- O que aconteceu sou eu que vou ficar sabendo, pode ficar na sua. Quero só que me conte mais sobre o que o Costa vinha fazendo.

- Oh! Me desculpe, senhor... Disse o mordomo, enrubescendo. Ele trabalhava muito, mas estava feliz por se casar na próxima semana.

Depois desta frase Castellis soltou uma risada estridente, que deixava escapar todo o seu amargor, o que até então o mordomo não havia percebido.

- Então o caso está resolvido: a velha matou o filho para ele não sair de casa, depois fugiu para La Plata - e caiu na gargalhada novamente.

Rodolfo ficou constrangido, depois explicou que ele e sua esposa iriam morar na casa com a senhora Costa. Castellis fez mais algumas piadas sobre o Dr. Costa, depois perguntou quem seria sua esposa.

- A senhorita A..

- Senhorita A.? Filha do velho B.? Aonde ela está agora? Já foi avisada?

- Não, senhor Castellis, minha patroa pediu para não fazer nada antes de consultá-lo.

O detetive resmungou algo para concordar enquanto acendia outro cigarro com a mão livre do volante. Estava pensando nos tempos em que ele e Costa trabalhavam juntos. Eram uma dupla e tanto. Costa tinha o dom para a investigação, mesmo não tendo coragem nenhuma para o trabalho de campo, que sempre ficava com ele. Desde que Costa resolveu ganhar mais dinheiro com suas histórias, os negócios andavam mal. Muitos maridos infiéis e pais observando genros, mas nada além disso. Enquanto isso Costa ficava rico vendendo as melhores histórias que ele havia vivido. Tinha uma casa grande, uma esposa, viagens.

Uma vida de artista! Costa era um artista, um escritor ou um aproveitador?

Todos o achavam um grande inventor de histórias policiais, mas não havia uma que não fosse derivada de algum de seus casos. Devia processar Costa? Isso não seria possível no momento - o homem estava desaparecido. Agora tinha uma boa razão para encontrá-lo. Cobraria uma boa quantia pelo trabalho, depois processaria o homem. O que Costa faria se acabassem suas histórias? Ou o que seria capaz de fazer?

O homem era esperto... Todo este caso poderia ser uma grande armação do Costa para cima dele. Talvez o homem tivesse forjado um crime para Castellis se envolver, e assim poder escrever outro romance. Castellis parou o carro e encarou Rodolfo tão profundamente que o mordomo desviou o olhar. Será que era uma armação para ele? Isso deveria ser descoberto antes de chegarem à casa. Se chegasse lá desavisado poderia ser tarde...

"O *flâneur* é o observador do mercado. Seu saber está próximo da ciência oculta da conjuntura. Ele é o espião que o capitalismo envia ao reino do consumidor."

WALTER BENJAMIN, *Passagens*

*...esquinita de barrio porteño,
con muros pintados de luna y de sol,
que al llorar con tus lluvias de invierno
manchás el paisaje de mi evocación.*

ESTE FOI O TANGO *ESQUINAS PORTEÑAS*, COM LETRA DO HOMERO DE *POMPEYA*. NA LITERATURA, DIZEM QUE HOMERO FOI O PRIMEIRO GRANDE POETA, O INVENTOR DA LITERATURA, CRIADOR DE GRANDES VIAGENS E GRANDES EMOÇÕES. UM MITO QUE NÃO É UM HOMEM, MAS A PRÓPRIA VOZ DO HOMEM. HOMERO SIGNIFICOU AS PALAVRAS PARA A LITERATURA GREGA... POIS SE HOUE NA GRÉCIA, EM BUENOS AIRES TAMBÉM HOUE UM HOMERO, NASCIDO NO BAIRRO AFASTADO DE *POMPEYA*, E QUE TINHA POR SOBRENOME MANZI. FOI UM POETA DE BAIRRO QUE, COMO SEU ANTEPASSADO, NÃO ESCREVA POEMAS EM LIVROS, MAS OS COLOCAVA NAS VOZES DOS CANTORES! CANTOU AS LUZES DOS ARMAZÉNS DOS BAIRROS QUE DIVIDEM A CIDADE DO PAMPA, SUAS LUAS, RUAS, ESQUINAS E PAREDES, ASSIM COMO FEZ O *MAESTRO* BORGES EM SEUS POEMAS ESCRITOS. QUANDO O PERGUNTARAM POR QUE NÃO ESCREVA UM LIVRO, DISSE QUE ERA PARA QUE SUA POESIA FOSSE SEMPRE UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA, OUVIDA ENQUANTO CAMARADAS TOMAM SEUS UÍQUES E AMANTES FAZEM AMOR. BELO, BELO... O HOMEM QUE SIGNIFICOU AS PALAVRAS DO TANGO COMO NENHUM, E REALMENTE AS PALAVRAS DO TANGO DEVEM SER CANTADAS, PORQUE SÃO VIVIDAS, PORQUE SÃO DAS RUAS E DA CIDADE DE BUENOS AIRES. ESTA LETRA DE HOMERO ESTÁ EM UM TANGO DE SEBASTIÁN PIANA, MAS A GRANDE HISTÓRIA DE HOMERO SE DEU COM TROILO. CRIARAM A CANÇÃO *SUR*, QUE, COMO O NOME JÁ DIZ, É A ESSÊNCIA MÍTICA DO SOM DE BUENOS AIRES, E DISPENSA APRESENTAÇÕES, POIS ESTÁ POR TRÁS DE TODAS AS OUTRAS CANÇÕES.

OUTRO POETA QUE TIVEMOS, MAIS MODERNO E OUSADO, FOI HORACIO FERRER - O CRIADOR DA HISTÓRIA DO TANGO, MAS TAMBÉM UM DE SEUS MITOS. TRABALHOU COM MÚSICOS COMO PUGLIESE E TROILO.

COM PIAZZOLLA FEZ ALGUMAS CANÇÕES INESQUECÍVEIS. COMO O ASSUNTO É POESIA, NÃO POSSO DEIXAR DE DIZER QUE FERRER FEZ OS MELHORES VERSOS DO TANGO... O GOLPE DE GÊNIO DO MAESTRO, EM CRIAR UMA INTRODUÇÃO FALADA À CANÇÃO, LEVOU O TEMA AOS CÂNONES ESSENCIAIS DA POESIA DE BUENOS AIRES!

AGORA ESTOU DE BOM HUMOR. EU SEI. ESCUTAR ESTE TRECHO, NA VOZ DE GOYENECHÉ A ESTA HORA DO DIA, ME FAZ FELIZ. É A HORA DO TANGO, O FIM DO ENTARDECER. A VELOCIDADE DOS CARROS SE IDENTIFICA COM O RITMO DO TEMPO; O ÂNIMO DAS PESSOAS SE EQUILIBRA EM FORTES EMOÇÕES; A NOITE, ATÉ ENTÃO ANUNCIADA COMO PROMESSA, CONFIRMA A CHEGADA DE SUA MANTA SOBRE A CIDADE. O ENCONTRO DA CIDADE COM O PAMPA REFLETIDO NO CÉU E NAS NUVENS. NESTE MOMENTO NÃO PODE HAVER NADA COMO O SOM DE UM BANDONEÓN PARA RASGAR TODA A MELANCOLIA DA CENA E TRANSFORMÁ-LA EM ESPAÇO E CARNAVAL. SEMPRE PENSO NESTES VERSOS DE FERRER, NESTA INSANA CANÇÃO DE PIAZZOLLA. OS VERSOS QUE ME FIZERAM SER UM HOMEM DAS TARDES DE BUENOS AIRES, COMO SE FOSSEM MINHA PRÓPRIA VOZ..."

GOYENECHÉ: Las tardecitas de Buenos Aires tienen ese qué sé yo, ¿viste? Salís de tu casa, por Arenales. Lo de siempre: en la calle y en vos. . . Cuando, de repente, de atrás de un árbol, me aparezco yo. Mezcla rara de penúltimo linyera y de primer polizón en el viaje a Venus: medio melón en la cabeza, las rayas de la camisa pintadas en la piel, dos medias suelas clavadas en los pies, y una banderita de taxi libre levantada en cada mano. ¡Te reís!... Pero sólo vos me ves: porque los maniqués me guiñan; los semáforos me dan tres luces celestes, y las naranjas del frutero de la esquina me tiran azahares. ¡Vení!, que así, medio bailando y medio volando, me saco el melón para saludarte, te regalo una banderita, y te digo...

"...que todas las artes aspiran a la condición de la música, que no es otra cosa que forma. La música, los estados de felicidad, la mitología, las caras trabajadas por el tempo, ciertos crepúsculos y ciertos lugares, quieren decirnos algo, o algo dijeron que no hubiéramos debido perder, o están por decir algo; esta inminencia de una revelación, que no se produce, es, quizá, el hecho estético."

JORGE LUIS BORGES, *La muralla y los libros*

Cheguei no meu quarto em torno das duas da manhã, depois de terminar minha caminhada no *La Poesía* com um café e um sanduíche. O albergue seguia sem luz, mas estava movimentado. Pedi algumas velas ao rapaz do balcão, que as entregou prometendo que a luz seria consertada. Voltei ao meu quarto e abri a janela para deixar entrar um pouco da luminosidade da noite. Não estava cansado, tinha chegado decidido a começar meu romance, nem que fosse apenas um esboço inicial. A *Traveler* estava montada desde o dia que cheguei na cidade, com uma folha engatada e a tinta carregada, sem haver posto uma única palavra no papel.

Ver aquela folha em branco me deixava ansioso. Passei um longo tempo voltado para a janela, para desviar o olhar do papel. Na rua se viam apenas os fios de luz se emaranhando entre os prédios. Era irônico enxergá-los sem ter luz no quarto. Os fios criavam uma teia sobre a cidade, unindo cada ponto habitado a todos os outros. Pelo visto apenas o albergue estava sem luz na *calle Chile*, o que o deixava fora da teia que era a própria cidade. Estar no albergue, desde a subida da longa escadaria até o quarto em frente ao hall, era como entrar em uma torre que não pertence em nada ao mundo exterior. Era não-estar.

Até mesmo as palavras não-estavam na torre. Com exceção dos atendentes, ninguém falava a mesma língua que eu. Compartia o ambiente com os outros hóspedes sem poder compartilhar uma ideia ou uma frase. Vivíamos juntos o ritmo solitário de cada indivíduo, que se desfazia eventualmente em um esbarrão ou um olhar inevitável para o outro. Nos comunicávamos minimamente através de uma língua comum da casa, o idioma mais condensado que já

ouvi falar. Se constituía de apenas uma palavra: *gracias*. Este signo atingia o ápice de sua pluralidade, sendo usado tanto para suas tendências cordiais, como o fazem os argentinos em geral, quanto para demonstrações de desgosto, raiva ou afeto. A palavra sustentava todo tipo de emoção ou sentimento, mas nenhum tipo de pensamento. Caminhando na *Calle Florida* vi um dos hóspedes ameaçar um cambista ao mesmo tempo que dizia palavras de agradecimento. Alguns tentavam fugir da incompreensão sentando-se juntos na sacada, de frente para a rua. Conversavam sem se importarem em serem ouvidos. Às vezes falavam ao mesmo tempo, pois o importante era falar, como uma voz irresponsável.

Uma quebra com a falta de comunicação só era possível com os atendentes do albergue, exímios utilizadores da palavra *gracias*. Como eu também usava o idioma castelhano, conseguia dialogar de forma mais fluente com eles, que pareciam monopolizar os significados na casa. Ainda assim, tinha a impressão de que usavam duas línguas diferentes. Havia o castelhano aberto e comercial, sempre alegre e convidativo à compreensão, quando nos comunicávamos sem que uma palavra não fosse compreendida e aceita. O outro castelhano era fechado, secreto e inacessível. Uma propriedade privada, usada de modo totalmente particular. Falavam em um modo de segurança que neutralizava o discurso e suprimia as palavras. Não queria parecer dizer qualquer coisa que fosse compreensível. Instauravam o vazio na linguagem e conversavam neste outro idioma, sem instituições oficiais, feito apenas de rumores e ruídos para os ouvidos não iniciados.

Deixei a vela acesa em cima da escrivaninha onde estava a máquina, em um canto, para que iluminasse pouco, de forma que não pudessem me enxergar do hall do

albergue. Encarei cerimoniosamente a folha em branco. Aquela noite, o responsável do albergue passou falando ao telefone de forma incompreensível. O rumor que ele produzia ecoava no papel e não deixava espaço para novas palavras, e as que passavam não me deixavam lê-las.

Aos poucos empreendi algumas, mas ficavam esparsas no papel

... eu?

flores?

exquisito.

Então?

disse:

letras sozinhas.

Não havia o que as completasse e as desse sentido, ao mesmo tempo em que era impossível escrever naquela mesma página. O rumor do homem no hall neutralizava minhas palavras e sobrecarregava meus papéis. Desisti e voltei a olhar para a janela. O que se precisava pra escrever um romance? Não tinha a ideia de uma trama, e a tentativa anterior não dava mais para reutilizar. Toda essa história de ir a Buenos Aires era a busca de uma trama. Sem dúvidas era uma cidade com muitas histórias, mas qual possível de ser escrita? Raramente achava que devesse escrever alguma frase. Em geral achava que ainda faltavam coisas para merecerem ser escritas, e quando tentava uma, achava exagerada. De forma concreta, a cidade só oferecia impressões breves e efêmeras, talvez até incompletas, que se perdiam no tempo de poucas quadras. Não me lembrava delas a tempo de parar para escrever. A máquina sempre estava pronta, mas nunca estava comigo.

No outro dia pela manhã teria que comprar um bloco pequeno para levar nas ruas. Poderia escrever ali o que pensasse, sem toda a situação da máquina, que parece passar o tempo todo perguntando se quem está digitando é profissional. Um bloco minimizaria o ritual e faria mais fácil saber que se está escrevendo. Sentar-se à máquina com certeza de se estar escrevendo é sempre pretensioso demais, em geral uma falta de responsabilidade. Podem ser que algumas vezes não sejam, mas como se vai saber? Em geral, melhor não se arriscar. Ainda que escrever à máquina seja um momento totalmente privado, escrever num bloco é menos cerimonioso, mesmo quando usado em um local público.

Busquei a encadernação amarela que tinha ganho. Eram papéis escritos por alguém numa máquina. Tinham apenas pequenas fábulas ou trechos que não indicavam sua origem

ou tradição, e não tinham muito a ver umas com as outras. Falavam sobre coisas variadas, sem qualquer responsabilidade por serem escritas. Mas estavam no papel.

Passei mais uma vez pelas fábulas. Não havia nada que indicasse uma ordem, eram apenas temas esparsos, sem elementos diretos de continuidade. Experimentei colocar um destes papéis na máquina. Se eu tivesse escrito uma fábula hoje, estaria ganho o dia. As palavras escritas rebatiam os rumores do homem ao telefone e impunham um sentido em seu espaço.

Apertei uma tecla qualquer da máquina e escrevi um

r

no papel. Era só para atuar que estava escrevendo. Me senti capaz de escrever em algum momento, mas não tinha que acrescentar palavras àquela página. A letra no topo da página era uma dispersão, um ponto de desvio do sentido de uma fábula que deve ser completo. Tinha que apagar o r para ter uma página de fábula, mas como não era possível pensei em reforçar os escritos do texto certo. Ajeitei o parágrafo da máquina no mesmo ponto que já estavam escritas as palavras e as reescrevi. Como nas primeiras vezes parecia que o r chamava mais a atenção, reescrevi o texto inúmeras vezes, para que predominasse. Reescrevi até que quase não restasse a possibilidade de cada uma daquelas letras.

Escrevi uma sombra àqueles sentidos. A fábula foi tão dispersa pela letra solta que está de fora, que não tem mais a concisão para se afirmar, como se espera de seus tipos de texto. A fábula se enfraquece pela insegurança que lhe dá a possibilidade de o r aparecer.

Houve um tempo em que os livros dominavam o pensamento e os homens não **eram** diferentes de qualquer animal. Aconteceu que os homens começaram a estabelecer significados aos **signos** e assim estagná-los, pois todos os livros eram de areia. Começou a luta entre a memória daquelas significações e a vida **do pensamento** dos livros, pois cada vez que uma significação se estabelecia aquele livro morria, ou seja, se tornava como um desses livros encapados que vemos hoje nas livrarias, onde as letras são sempre as mesmas na mesma ordem.

As religiões brigam pela crença de seu livro **sagrado** ter sido o primeiro a se estabelecer, mas ouvi de uma fonte confiável que este se chamou "Odisseia", significado por um senhor chamado Homero, que existiu ali, pela primeira vez, na linguagem.

Houve um tempo em que os livros dominavam o pensamento e os homens não eram diferentes de qualquer animal. Aconteceu que os homens começaram a estabelecer significados aos signos e assim estagná-los, pois todos os livros eram de areia. Começou a luta entre a memória daquelas significações e a vida do pensamento dos livros, pois cada vez que uma significação se estabelecia aquele livro morria, ou seja, se tornava como um desses livros encapados que vemos hoje nas livrarias, onde as letras são sempre as mesmas na mesma ordem.

As religiões brigam pela crença de seu livro sagrado ter sido o primeiro a se estabelecer, mas ouvi de uma fonte confiável que este se chamou "Odisseia", significado por um senhor chamado Homero, que existiu ali, pela primeira vez, na linguagem.

r ~~A fábula de livre e da memória~~

~~Houve um tempo em que os livros dominavam o pensamento e os homens não eram diferentes de qualquer animal. Aconteceu que os homens começaram a estabelecer~~

~~significados aos signos e assim estagná-los, pois todos os livros eram de arcia. Começou a luta entre a memória daquelas significações e a vida do pensamento dos livros, pois cada vez que uma significação se estabelecia aquele livro morria, ou seja, se tornava como um desses livros encapados que vemos hoje nas livrarias, onde as letras são sempre as mesmas na mesma ordem.~~

~~As religiões brigam pela crença de seu livro sagrado ter sido o primeiro a se estabelecer, mas ouvi de uma fonte confiável que este se chamou "Odisseia", significado por um senhor chamado Homero, que existiu ali, pela primeira vez, na linguagem.~~

XXII

"A ociosidade do flâneur é um protesto contra a divisão do trabalho."

WALTER BENJAMIN, *Passagens*

XXIII

O bloco de bolso foi o certificado de meu fracasso. Não escrevia em nenhum momento, apenas anotava ideias esparsas que nunca levava adiante. Pensava ao largo em uma história para ser desenvolvida ou, quando via alguma imagem ou lugar interessante, imaginava um pensamento que algum personagem poderia ter em certo ponto de um romance

- mas o resto do romance não existia. Os dias de anotações eram paliativos para meu empreendimento de escrever, pois parecia que eu estava trabalhando em algo, mesmo sabendo que não era possível montar nada com aquilo. Nem um guia de viagens. Uma paisagem poderia ser a cena introdutória de um filme. Um sujeito sentado em um café poderia ser o personagem de um romance. Um senhor andando de bicicleta na rua, provavelmente voltando do trabalho, poderia ser o novo homem do subterrâneo, como o de Dostoievsky, quieto e de cara fechada, se eu o fizesse assim. Ou um pensamento sem rosto como Monsieur Teste.

Teve um dia em que passei observando as luzes da cidade. Basicamente se dividiam em dois tipos: brancas e amarelas. As brancas, ultramodernas, faziam da rua um ambiente de shopping center. Deixavam o mais explícito possível as possibilidades de compras que a cidade oferecia e faziam a alegria das senhoras. Iluminavam com decisão cada parte dos produtos à venda e davam a ilusão da segurança. Às vezes haviam nas portas dos comércios grandes anúncios de cartões de crédito, como se aquele fosse o próprio produto vendido, e não a forma de pagamento. De alguma forma, parecia que as pessoas que entravam e saíam freneticamente das lojas realmente queriam, mais do que tudo, usar o cartão de crédito. Lembrei de uma entrevista em que Borges falou que o dinheiro eram futuros possíveis. O cartão de crédito então foi a tecnologia capaz de adiantar o futuro. Comprar no cartão de crédito é como estar no mês seguinte. Talvez fosse uma boa forma de lidar com o calor, que seguia arrasador naquele verão. Um cartão de crédito talvez ajudasse os meses mais frescos a chegarem logo.

As lâmpadas amarelas deixavam as ruas difusas. Nunca deixavam o lugar completamente visível, como suas primas

mais modernas. Ainda que esta atmosfera fosse mais propícia para um café ou um restaurante à meia luz, parecia que os donos dos estabelecimentos não faziam bem essa distinção. Às vezes até mesmo optavam pelos cartões de crédito, que estampavam com adesivos nas portas e janelas. Outros, mais estéticos, colocavam a cotação de moedas estrangeiras aceitas dentro do estabelecimento, em geral valorizando o dinheiro do cliente e aumentando seus preços. Os bares mais baratos, com seus nomes escritos em anúncios de cervejas ou refrigerantes, costumavam habitar as ruas iluminadas por lâmpadas amarelas, mesmo não sendo o mais adequado esteticamente para o local.

De minha parte, já não estava interessado em sentar em bares. Em geral comia algo em uma padaria e no fim da noite fazia uma refeição no *La Poesía* ou comia algumas empanadas no centro. De resto preferia passar e olhar, sem a responsabilidade de estar no lugar. Outra vez me propus um jogo de criar legendas para as cenas da cidade. Não pretendia que fossem boas, apenas que fossem feitas. Parecia um jogo fácil, mas quando acabaram meus clichês tive que selecionar mais as cenas. Não consegui pensar para todas as cenas e poucas prestavam para serem anotadas. Comecei com cenas de bares e cafés. Depois paisagens da cidade, o porto, as avenidas, entradas de metrô. Queria criar algum ponto de fuga para aquelas imagens, para pelo menos não serem parte de mais um guia de viagens. Faltava ser um pouco mais poeta para isso, mas



O primeiro a se perceber é a larga planície derramada.

Reflete o céu fixa e obsessivamente, como um espelho tirado do tempo.

Um largo campo azul coberto de nuvens torna fugidia ou até mesmo indefinível a percepção dos limites entre os planos, criando a impressão de em algum momento entrarem em contato.

Então surge a cidade.



Não é permitido ao olho humano enxergar a totalidade de sua imagem em apenas uma mirada.



A aparência de uma maquete, feita de citações milimétricas da própria cidade.



A miragem se confunde com a memória e o olho aos poucos abre o espaço de uma casa grande e antiga que abriga muitas lembranças.



Quartos, corredores.
O quintal interno da casa.



Os cafés como rastros de significados.

Argentina como um esforço de memória e esquecimento.



Se vamos virar linguagem, que sejamos um amontoado.

eu não escrevia um poema desde a adolescência, quando escrevi toda minha obra, assim como Rimbaud. Ele foi meu ídolo na juventude, mesmo sem ter lido um poema seu em francês ou entendido alguma tradução. Gostava da história de sua vida, e estava que isso era mais importante para um poeta do que escrever. Queria ter feito algo genial e abandonado por pura superioridade, e então viajar e viver aventuras mais estranhas que a literatura. Escrevi toda a minha obra poética inspirado pelos poemas que não li de Rimbaud. Foram dois sonetos amorosos e uma ode ao preservativo, que foi meu poema tardio. Este enviei para publicação em um jornal de bairro na minha cidade. Na época, quando recusaram confirmei que ele rompia com todas as tradições poéticas existentes até então. Isso satisfez minha vocação poética, que pôde ser abandonada sem nenhuma frustração.

A história das lendas me deu vontade de ir ao cinema. Ia muito ao cinema no Brasil, mas ainda não tinha ido em Buenos Aires. Tinha uma revista de Palermo com o anúncio de um festival de cinema mudo contemporâneo naquele dia. Me empolguei com o evento, mas já estava em cima da hora. Seria um bom manancial para inventar algumas lendas. Teria histórias menores que a cidade para legendar.

Cheguei ao cinema, mas haviam poucos filmes faltando serem exibidos e os ingressos já haviam esgotado. Não esperava que houvessem pessoas dispostas a encher salas de filmes mudos em Buenos Aires. A metrópole é uma máquina do inesperado. Raramente percebemos a mudança de uma vitrine ou de uma fachada. Sem falar das pessoas, que raramente adquirem um rosto, e quando o fazem, em geral é para adquirir uma familiaridade distante. Os elementos inesperados se repetem tanto que se naturalizam e passam despercebidos no cotidiano. Todas aquelas pessoas em uma

sessão de cinema mudo eram inesperadas. Isso se acentuava com a hipótese de que muitas delas também estivessem inventando legendas para as imagens.

Minha outra opção para aquela tarde seria achar a casa onde Borges viveu, na *Calle Serrano*, em algum lugar daquele bairro. Havia dias que eu vinha buscando esta rua no mapa sem poder encontrá-la. Àquela tarde perguntei para algumas mulheres que estavam vendendo roupas em frente ao festival se sabiam a direção. Elas me informaram que não ficava a mais de cinco quadras dali. Segui o caminho que me indicaram sem achar uma placa que falasse sobre a *Calle Serrano* ou a *Plaza Serrano*, que sabia que existia pela volta. A rua que eu buscava saía de uma praça, então perguntei pela direção da praça mais próxima. O dono de uma banca de revistas estranhou que este tipo de pergunta tivesse um tom de necessidade, mas me indicou um caminho até a *Plaza Cortázar*, entre um emaranhado de ruas. Fui a um *kiosco* em frente à praça e perguntei ao dono se sabia onde ficava a *Plaza Serrano*.

- Atrás do senhor, disse, com franco mau-humor.

- Mas então Cortázar era Serrano?, perguntei ao homem. Não pode, não é possível.

- Não, *boludo*, mudaram o nome para atrair os turistas. Essa praça já tem história antes de Cortázar nascer.

- Está bem, respondi, não sabia dessa. O que fazem com os turistas que buscam pela *Plaza Serrano*?

- Eles não buscam. Buscam a *Plaza Cortázar* e vem à *Plaza Serrano*. Buenos Aires é um labirinto de nomes. Suas linhas retas enganam. É o que eu sempre digo, *che* - falou amigavelmente. Pelo menos assim o senhor tem como se localizar nas tradições mais antigas da cidade.

- É isso mesmo. Por acaso, o senhor sabe me dizer qual destas ruas que saem da praça é a *Calle Serrano*?

- *Calle Jorge Luis Borges*, aquela ali.

- Não poderia ser mais difícil, e agradeçi.

Enquanto cruzava a praça para entrar na rua indicada, o céu se fechou. Estava ainda no primeiro quarteirão da rua quando começou a ventar forte. As lixeiras das ruas viravam e os galhos das árvores se batiam ou caíam e voavam pela rua. Segui em frente, e quando estava na outra quadra começou a chover muito. Em poucos minutos a rua estava completamente alagada e era impossível atravessá-la para tentar achar a casa. Aquele ainda era o bairro de Borges, e ele não havia me convidado a entrar. O velho ainda estava presente por ali, mesmo destoante com o contexto da época. Não podia negar que isso fazia dele um clássico.

Quando senti os granizos tive que entrar no primeiro bar que havia na rua. Ficava numa esquina da *Calle Jorge Luis Borges*. O velho havia ganhado, consegui me deter de encontrar seu lugar. O labirinto era agressivo, mas seu descanso era bom. O bar era bonito, a temperatura era agradável - pois o calor seguia abafando a cidade - e o aroma do café predominava no ar. Eu não tinha sido o único a buscar refúgio da chuva ali. As mesas estavam cheias. Com muito esforço pude achar uma pequena, ao canto da janela, que estava vaga.

Quando pedi um café para o atendente, lhe perguntei se sabia onde ficava a casa Jorge Luis Borges. Ele não sabia, disse que vivia pros lados de *La Boca del Riachuelo* e só trabalhava por ali. Esperei o café olhando o interior do café. As paredes eram repletas de quadros, e ao lado de minha mesa estavam um retrato de Woody Allen e um de Jorge Luis Borges. Ao fim talvez estivéssemos tomando um café por seu bairro, um primeiro contato que ficava até mais elegante ser em bar das redondezas do que em sua casa. Quando trouxe o café o atendente me mostrou

uma antiga casa porteña na esquina do outro lado da rua. Havia uma placa de aluguel e as janelas pareciam estar fechadas há muito tempo.

- Esta foi a casa do senhor que você procura. Inclusive meu chefe disse que esse é o seu retrato - e apontou para Woody Allen.

- Obrigado, amigo.

"A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a. Entretanto, o problema é fazer surgir do espaço puramente metafórico uma expressão como "linguagem da cidade". É fácil metaforicamente falar da linguagem da cidade como se fala da linguagem do cinema ou da linguagem das flores. O verdadeiro salto científico será realizado quando se puder falar da linguagem da cidade sem metáfora."

ROLAND BARTHES, *Semiologia e urbanismo*

A chuva estava baixando quando Castellis parou o Peugeot no semáforo da esquina do bar Rendesvouz. O detetive viu o jornalista Francisco Negri em frente fumando um cigarro. O olhar de Castellis foi o suficiente para que o jornalista o percebesse e viesse falar com ele à janela do carro. Negri era o pior tipo de informante para se encontrar no meio de um trabalho. Ele sempre tinha informações para serem trocadas, mas Castellis sabia que elas nem sempre ajudavam. Muitas vezes os dados do jornalista haviam servido para dispersá-lo do ponto principal de suas investigações, mas esta tarde estava tão ansioso com o caso do Costa que resolveu dar papo ao homem. Ao chegar próximo do carro, Negri logo reconheceu o mordomo do Dr. Costa.

- Não sabia que se conheciam, disse Negri. Estão indo à casa do Costa? Digam que lhe mandei um abraço e peçam para ele dar sinal de vida.

- Diremos, respondeu o detetive. Escuta, vendem cigarros neste bar, não é?

E estacionou o carro.

- Então, estão trabalhando juntos de novo?, perguntou Negri.

- Não, só estou levando alguns papéis velhos do Costa que achei durante a limpeza do escritório. Faz tempo que não vejo o homem. Não sei nem como anda sua cara. Tem visto ele, como tem ido?, indagou o detetive.

- Faz alguns meses que o vi, na redação do jornal. Foi entregar alguma coisa por lá, acho que uma crônica ou algo do tipo. Ele andava meio sumido mesmo.

- Ah é?

- É, até estão falando sobre o silêncio dele. Faz quase um ano que lançou o último romance, e no começo

escrevia um a cada dois meses. O público anda curioso pelos seus detetives.

- Teve uma crise criativa? Isso não soa muito como o Costa. O que ele anda fazendo?

- Não tenho certeza, Castellis. Dizem que estava com outros negócios, mas ninguém sabe o quê. O pessoal da coluna literária especula que está escrevendo seu grande livro, mas não ouvi nada vindo dele a respeito disso. Você sabe que eu não digo o que não tenho certeza.

- Sim, Negri. Sim.... - respondeu Castellis, laconicamente.

Se Costa estava em uma crise criativa só poderia estar aprontando para ele. Mas o que seriam estes outros negócios? Talvez ele estivesse metido em alguma encrenca mesmo, porque o homem não era muito esperto para lidar com as coisas reais. Talvez Costa estivesse armando para incriminá-lo na cena do crime. "O detetive que é o próprio criminoso", uma ideia típica do Costa. Ele não ia cair nessa, estavam todos muito tranquilos para a morte do homem ser verdade.

Enquanto Castellis se perdia em seus pensamentos, Negri começou a sussurrar alguma coisa, como ele fazia quando queria valorizar uma informação.

- Tenho uma fonte que assegura que ele anda escrevendo coisas para outras pessoas...

- Como assim, Negri?

- Discursos, textos, coisas para outros publicarem com seus nomes. Ele não estava mais assinando seus escritos. Por isso ficou tanto tempo sem lançar um dos seus na praça.

- Por que ele faria isso? O homem adora ser reconhecido.

- Talvez seja subversivo, Castellis. Vocês sabe como este nosso amigo Costa é genioso...

O que Negri estava falando era importante. Sabia como o jornalista exagerava e tentava explicar tudo como se soubesse, assim como seus colegas da seção literária. Mas a história era realmente estranha. Costa havia deixado de trabalhar com ele para ser reconhecido, e agora queria se afastar disso? Nunca havia sido de seu feitio se envolver pessoalmente com qualquer causa, o que não tornava muito plausível a história de andar escrevendo coisas subversivas... Talvez Negri estivesse trabalhando para o homem, lhe dando informações apenas para criar mais elementos na busca do enigma novo para o próximo livro do Costa, afinal, ele estava há um bom tempo sem conseguir escrever um. Negri só podia estar trabalhando para o Costa, senão ele não deixaria de insistir em saber o que Castellis fazia com o mordomo do escritor. Castellis não se rebaixaria a ser um personagem nas mãos de um escritor. Era preciso descobrir o que realmente estava acontecendo e se adiantar às ações do Costa. A que aspectos ele devia dar atenção para resolver esta situação?

- Pode ser, Negri, disse o detetive, enquanto ia em direção ao carro.

- Ei, Castellis! Esqueceu de comprar seus cigarros!

- Parei de fumar, este vai ser o último. Acendeu um cigarro e dirigiu com pressa seu Peugeot.

"Aquele embriaguez anamnésica em que vagueia o *flâneur* pela cidade não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo experimentado e vivido. Esse saber sentido se transmite sobretudo por notícias orais."

WALTER BENJAMIN, *Flâneur*

RÁDIO PIRATA HOJE EM HORÁRIO ESPECIAL PARA ACOMPANHAR O MOVIMENTO DAS MÃES DA *PLAZA DE MAYO*. ACABAMOS DE PEGAR A *AVENIDA DE MAYO* PELA *CALLE PERÚ* E JÁ PODEMOS VER UM GRANDE MOVIMENTO DE SENHORAS À FRENTE. O CALOR ESTÁ EXTENUANTE COMO SEMPRE EM BUENOS AIRES, E MESMO ASSIM ESTAS MULHERES VÊM GRITAR O NOME DE SEUS FILHOS DESAPARECIDOS NA DITADURA. ENQUANTO CHEGO AO LOCAL DA MANIFESTAÇÃO, OUVIREMOS UM TANGO DE GARDEL, *SILÊNCIO*, EM HOMENAGEM ÀS MÃES.

A VOZ DO TANGO TAMBÉM FOI SILENCIADA PELA DITADURA, SABIAM OUVINTES E COMPANHEIROS? OS MILITARES QUE LEVARAM TODOS ESTES FILHOS TENTARAM FAZER DESAPARECER TAMBÉM A ESSÊNCIA DE NOSSO TANGO CANÇÃO, A ESSÊNCIA DO NOSSO POVO E NOSSA MÚSICA. PROIBIRAM QUE RODASSEM OS TANGOS DE GARDEL ACOMPANHADOS APENAS POR GUITARRAS. MAS HOJE A VOZ DO TANGO VOLTA PARA SE ALIAR A ESTAS MÃES TÃO SOFRIDAS E TÃO HEROICAS.

À ESTAS MULHERES QUE SÃO A NOSSA PRÓPRIA MEMÓRIA!



Silencio en la noche.

Ya todo está en calma.

El músculo duerme.

La ambición descansa.

Meciendo una cuna,
una madre canta
un canto querido
que llega hasta el alma,
porque en esa cuna,
está su esperanza.

Eran cinco hermanos.

Ella era una santa.

Eran cinco besos

que cada mañana

rozaban muy tiernos

las hebras de plata

de esa viejecita
de canas muy blancas.
Eran cinco hijos
que al taller marchaban.

Silencio en la noche.
Ya todo está en calma.
El músculo duerme,
la ambición trabaja.

Un clarín se oye.
Peligra la Patria.
Y al grito de guerra
los hombres se matan
cubriendo de sangre
los campos de Francia.

Hoy todo ha pasado.
Renacen las plantas.
Un himno a la vida
los arados cantan.
Y la viejecita
de canas muy blancas
se quedó muy sola,
con cinco medallas
que por cinco héroes
la premió la Patria.

Silencio en la noche.
Ya todo está en calma.
El músculo duerme,
la ambición descansa...

Un coro lejano
de madres que cantan
mecen en sus cunas,
nuevas esperanzas.
Silencio en la noche.
Silencio en las almas...

SÃO MILHARES DE SENHORAS COM PANOS BRANCOS NA CABEÇA LEVANTANDO PLACAS E CANTANDO JUNTAS, UMA CENA GRANDIOSA PARA A CIDADE. SENHORA, COMO SE CHAMA?

- EVA COSTA!

POR QUEM CANTA ESTA TARDE?

- POR MEU FILHO, MIGUEL COSTA, LEVADO PELA DITADURA!

O QUE FAZIA SEU FILHO?

- NOVELAS POLICIAIS, ERA ESCRITOR, E DESAPARECEU DE MINHA PRÓPRIA CASA EM UMA MADRUGADA DE DOMINGO!

E A SENHORA?

- CARLA TRUBINI, MÃE DE AMÉLIA!

QUE FAZIA SUA FILHA, SENHORA TRUBINI? O QUE HOUE COM ELA?

- MINHA FILHA TRABALHAVA NA PADARIA DE NOSSA FAMÍLIA, E ESTUDAVA NA UNIVERSIDADE! UMA ARGENTINA COMUM!

E VOCÊ, MINHA SENHORA?

- CARLA SANTIAGO, MÃE DE EMÍLIO, ASSASSINADO QUANDO IA SE REFUGIAR NO URUGUAI!

SÃO TODAS HISTÓRIAS MUITO TRISTES DE NOSSA PÁTRIA E DE NOSSA CIDADE. A RÁDIO PIRATA OFERECE SUAS CONDOLÊNCIAS À TODAS AS MÃES CORAJOSAS QUE NÃO DEIXAM QUE NOS ESQUEÇAMOS DE TODOS AS ATROCIDADES COMETIDAS NESTE TERRITÓRIO. UM TANGO A MAIS PARA ELAS!

"E reencontraremos aqui a velha intuição de Victor Hugo: a cidade é uma escrita; quem se desloca na cidade, isto é, o usuário da cidade (o que todos nós somos), é uma espécie de leitor que, segundo as suas obrigações e os seus deslocamentos, recolhe fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo. Quando nos deslocamos numa cidade, estamos todos na situação do leitor dos *100.000 millions de poèmes* de Queneau, em que se pode achar um poema diferente mudando um único verso; à nossa revelia, somos um pouco esse leitor de vanguarda quando estamos numa cidade."

ROLAND BARTHES, *Semiologia e urbanismo*

- Serviço de Inteligência Argentina. Você está preso.

Eu tinha percebido aqueles dois homens engravatados fazendo o mesmo caminho que eu desde a *Calle Perú*. Estranhei que eles cruzassem a *9 de Julio* comigo e fossem até a *Calle Libertad*, que quase não tinha movimento, mas não me importei com eles, porque são coisas que podem se dar em uma cidade. Além do mais, pareciam bem ocupados com seus próprios assuntos. Quando cheguei na esquina com a *Avenida Santa Fé* decidi parar para tomar um café e eles acompanharam. Aí a cena já estava inverossímil e fiz questão de fazê-los perceber que eu os notava. Me encararam com mau humor após isto, mas esperaram eu tomar todo meu café e pagar o garçom, para só depois me abordarem.

- O que está acontecendo?, perguntei.

- Não é hora de se fazer de bobo. Seu tempo acabou. Vocês foi dos mais difíceis para nós, mas não nos venceu. Entre no carro imediatamente - e começou a me puxar pelo braço.

Resisti para entrar, então os homens me algemaram e me puseram à força dentro de um carro preto que não pude ver o modelo. A cena era totalmente excessiva.

- O que é isso? O que vocês pensam que estão fazendo? Disse, acreditando nos meus direitos de inocente.

O homem que estava no banco do carona apenas me olhou e mandou que eu ficasse calado, pois "tudo que for dito será usado contra você". Os dois portavam armas que fizeram questão de deixar à mostra e estavam muito felizes por terem me prendido. Eu só não fazia ideia do porquê. Me levaram de carro até uma delegacia próxima, já

entrando na *Recoleta*. Chegaram no lugar falando em voz alta, "Temos aqui o homem!", e me deixaram em uma sala isolada que tinha apenas alguns bancos e uma mesa no centro.

Alguns minutos depois o homem que vinha dirigindo o carro entrou na sala. Apagou todas as luzes, deixando ligada apenas uma pequena lâmpada que ficava pendurada sobre a mesa. Me vi na cena de um filme clichê, com um interrogatório no estilo do cinema policial dos anos sessenta - ainda que o homem não estivesse usando chapéu ou sobretudo, pois era insustentável num dia calor como aquele.

- Então, vai revelar ou vou ter que usar os velho métodos? - disse, visivelmente satisfeito com toda a cena.

Tentei ser simpático e polido, para evitar que a situação se agravasse, mas aquilo estava me deixando maluco e eu precisava aclarar para aquele homem que, quem quer que ele estivesse buscando, certamente não era eu.

- Desculpe-me senhor, mas acho que há um mal-entendido aqui entre nós. Certamente não sou quem o senhor está buscando, mas...

O homem deu um soco na minha cara. Não foi dos piores, mas me deixou tonto quando ele apontou a luz diretamente no meu rosto.

- Escuta, estou trabalhando para te achar há muitos meses. Não gostei de nenhuma das piadinhas que você veio fazendo com as nossas buscas, mas agora isso acabou. Agora você se ferrou e vai ter que aceitar. Se tentar nos fazer de otários mais uma vez vamos ter que resolver isso em outros termos - e olhou para a arma que tinha junto de si.

- Escuta, o que eu fiz? - perguntei com a voz insegura, mas tentando alguma simpatia.

- Não preciso dizer nada, hoje é você quem vai falar. E ficou me encarando com o rosto muito próximo.

- Olha, não sei o que está havendo. Sou estrangeiro, só estou passando um tempo em Buenos Aires. Não conheço ninguém, não tenho envolvimento com nada daqui. Tenho ficha limpa no meu país, pode consultar o consulado. Estou só dando uma volta na cidade para pensar em algo para escrever um livro ou coisa assim.

O homem suspirou nervoso e deu um murro na mesa. Eu não tinha a menor ideia de como lidar com a situação, e continuar com as coisas que eu vinha dizendo começou a me soar ingênuo, dada a contingência do momento. Meu interrogador deu algumas voltas pela mesa e pela minha cadeira antes de seguir com suas perguntas.

- Dando apenas uma volta pela cidade, não é? Uma caminhada sem rumo, que poético... Olha bem para mim, vê se eu caio nessa. Caio? Não caio, né? Caio? Não!

- Vim para Buenos Aires pensar em alguma história para escrever um romance. É verdade. Faz pouco tempo que estou aqui, posso lhe mostrar meus documentos.

- Acho melhor não mostrar nada, assim se priva de ser acusado de falsidade ideológica também. Vamos, suas caminhadas foram uma desculpa muito idiota. Você é melhor que isso... Tente outra, rapaz, ou assuma de uma vez, porque você já nos cansou com suas bobagem todos estes meses.

Eu não sabia o que responder e o homem ficou me olhando nos olhos por mais ou menos um minuto, que me pareceu uma eternidade. Quando não aguentava mais a situação, entrou na sala o homem que estava no banco de carona no carro acompanhado por um velho gordo fumando um cigarro. Para piorar a situação, o velho vinha com a cara fechada, mas se podia notar que estava cheia de contentamento por me ver naquela condição. Sentou na

cadeira à minha frente e ficou me olhando um pouco antes de falar.

- Até que enfim nos encontramos pessoalmente... Sabe, foi um grande trabalho achá-lo, por isso estamos todos contentes hoje. García, traga alguns drinques para nós e vamos comemorar juntos.

O velho perguntou se eu também aceitava um. Consenti com apenas um movimento de cabeça. Estava desgastado com tudo aquilo e não tinha mais energia nem para falar. Meu cansaço já me fazia aceitar que eu era mesmo culpado, ainda que não fizesse nem ideia por quê. Só pensava em ficar um pouco sozinho no meu canto. O drinque, um copo de fernet com Coca-Cola, aliviou um pouco a minha tensão, mas não meu desgaste. Parecia que eu estava sentindo o cansaço das caminhadas que havia feito todos aqueles dias pela cidade concentrado em um único momento. Sentia muito sono e toda aquela cena extrapolava os limites da minha aceitação da realidade. Pensava como a vida pode ser mais inverossímil que um romance quando o velho voltou a falar.

- Olha, eu esperava que você fosse mais falante, como na rádio. Se não quiser conversar, tudo bem, eu entendo, mas vai ser necessário que você assuma tudo com sua própria voz. Pode ser? É uma questão burocrática.

Tentei me manter acordado e olhei para o velho como quem não está entendendo nada. Concentrei toda a energia que restava em mim para fazer uma pergunta:

- Rádio?

O velho fechou a cara novamente e bebeu de um gole seu copo de fernet com Coca-Cola, que já era o segundo. Depois acendeu mais um cigarro.

- *Che*, já gastei tempo demais com você. Agora vamos resolver isso de uma vez. Fiz um banco de horas extra trabalhando no seu caso, e agora chegou o momento de eu

aproveitar. Vou ter um final de semana estendido, vou poder viajar com a família para *Mar del Plata* e quero começar meu descanso já. Até o fim deste cigarro quero que tudo esteja resolvido, senão vai ficar *jodido*.

Me esforcei para acordar, porque o velho trouxe de volta toda a tensão que o drinque havia levado.

- Senhor, me desculpe, mas eu nunca falei no rádio.

O velho ficou visivelmente desorientado com a minha frase. Ele pareceu perder todo o interesse em mim e voltou sua atenção para os dois homens que haviam me levado até lá. Eles começaram a ficar constrangidos com a cena, mesmo que não já entendessem nada, como eu.

- García, López. Quem trouxe este rapaz aqui?

Os dois ficaram em silêncio até que o velho repetiu a pergunta, incluindo alguns xingamentos na frase.

- García, López, seus *pelotudos*. Vocês são dois imbecis de marca maior. Por que trouxeram este rapaz aqui?

- Senhor Castellis, este é o homem da rádio! Nós o pegamos! O pegamos! Todas as pistas nos levaram até ele. Não se deixe enganar, você sabe como ele é bom de lábia!

O velho perdeu a paciência e se levantou esbravejando em um castelhano que eu não podia entender o sentido, mas a intenção ultrapassava os limites do idioma e ficava bem claro que eram xingamentos acompanhados por alguns murros na mesa. Tentei ficar tranquilo naquele momento, pois mesmo a tensão na cena tendo aumentado consideravelmente, parecia que a maré estava mudando para mim e eu não era mais o alvo.

- Vocês não falaram com este rapaz? Não viram que AQUELA VOZ NÃO É A DELE? Não viram que ele é um estrangeiro? Não perceberam nada disso? Não? Então vocês são dois retardados!

O velho me olhou e ficou constrangido. Depois olhou melhor o roxo no meu olho e pareceu absorver para si todo o cansaço que eu estava sentindo até então.

- Eu não quero nem saber qual dos dois bateu neste rapaz, porque já vi que os dois são idiotas.

- Mas senhor Castellis, ele saia todos os dias da *Calle Chile*, onde você mesmo indicou, ouvindo um *walkman* com gravação de voz! Caminhava à esmo pela cidade, como o senhor disse! Vimos ele falando sozinho muitas vezes. E além disso, o homem que estamos procurando morou no Brasil muitos anos, como você mesmo falou! É ele senhor, não se deixe enganar por estas artimanhas!

O velho ficou vermelho, parecia que ia explodir. Se via que estava prestes a berrar, mas a voz não saia de sua boca. Até que saiu, em uma altura inacreditável.

- VOCÊS NÃO SABEM DISTINGUIR O CASTELHANO DE UM ARGENTINO QUE VIVEU FORA DO PAÍS DO PORTUNHOL DE UM TURISTA??? NÃO??? NÃO??? NÃO!!!

E seguiu gritando com os dois descontroladamente. Tirou os dois da sala a tapas, depois saiu. Eu já estava mais tranquilizado. Depois de tudo aquilo, me pareceu claro que eu era inocente. Não via a hora de poder sair daquela sala e tomar um ar na rua, seria revigorante. Castellis voltou alguns minutos depois com dois drinques e um cigarro.

- Rapaz, me desculpe o constrangimento. Sou Castellis, responsável por esta seção. Precisa de um gelo para o olho?

Disse que não, estava tudo bem, mas indaguei o que havia acontecido e quando eu poderia sair dali, pois toda esta cena tinha levado meu dia.

- Tudo isto foi um grande mal-entendido, não se ofenda, por favor. Tome, este drinque é para você. Fuma?

Recusei o cigarro e tomei a bebida aos poucos. Aquele álcool me dava muito sono, mas eu precisava me aguentar para sair dali.

- Olhe, estávamos procurando o sujeito que dirige a Rádio Pirata. É uma rádio ilegal, sabe, e faz muito tempo que estão tentando tirá-la do ar. Até nós da segurança pública estamos envolvidos nisso. A coisa ficou feia. Infelizmente você tinha muito em comum com as nossas informações, mas faltou alguma inteligência aos meus homens para discernir um pouco as coisas, entende?

O velho estava sem-jeito, não sabia bem o que dizer e sentia que não deveria me deixar ir embora depois de tudo aquilo sem esclarecer a cena. Talvez estivesse com medo que eu os processasse ou gerasse alguma grande comoção internacional por ter levado um soco. Comentei que já havia escutado o radialista que ele procurava, tentando não transparecer minha simpatia e o fato de que acompanhava o programa todas as noites.

- O que tem esta rádio? Por que ela é tão perigosa para envolver a polícia?, perguntei.

- Olhe, não é nada perigoso não, rapaz. O homem é bom, faz sucesso, todo mundo ouve. Eu mesmo adoro os programas. Gosto ainda mais agora que tenho investigado o caso, porque não posso perder um que seja. Toca músicas boas, velhas mas boas, e tem uma conversa legal. Mas o homem recusou convites de trabalho de todas as rádios de Buenos Aires, e como o programa faz muito sucesso, acaba roubando a audiência das grandes. Aí veio a pressão, envolvimento estatal, toda essa ladainha, e nós tivemos que entrar junto. Estamos há meses buscando o tipo e nada. Vamos ganhar bonificações, férias adiantadas e talvez até uma reforma na delegacia por conta das rádios. Então entramos de cabeça no caso e estávamos muito felizes por achar que tinha se finalizado. Mas desculpe,

não foi nada pessoal. Acontece que o neoliberalismo nos pegou de jeito, sabe como é?

Concordei sem entender.

- E você, garoto, o que faz em Buenos Aires? Por que caminhar tanto? Meus homens não desconfiaram de você por nada!

E riu tentando ser mais simpático do que era possível.

- Vim passar um tempo aqui para pensar uma trama para escrever um romance. Faz tempo que quero escrever, e achei que a cidade ia me ajudar.

Castellis ficou um pouco impaciente, ainda que fizesse questão de ser amigável comigo. Suspirou algumas vezes, resmungando alguma coisa que eu não podia entender. Até que me olhou novamente simpático e retomou a conversa.

- Quer dizer que é um escritor?

- Tecnicamente sim, mas na verdade não muito. Estou querendo escrever, mas nunca escrevi nada.

Isso pareceu aliviar Castellis, que abriu um sorriso no rosto.

- *Chico*, sou velho e já passei muita coisa com escritores, então escute bem o que eu vou falar. Houve uma época que eles faziam muitas coisas e falavam demais. Conseguiram incomodar alguém e chamar a atenção de outros. Hoje, acha que é assim?

Não soube o que responder, porque obviamente era uma pergunta retórica, então só abri os braços indagativamente para ver se terminava logo. Nossa, como eu queria ir embora dali.

- Hoje, os escritores são insignificantes. Sou da polícia, eu sei bem dessas coisas. Olhe, estou investigando um radialista, sabe por quê? Porque, neste continente que nós vivemos, as pessoas escutam. Não leem,

escutam. Entendeu? Escrever é coisa do primeiro mundo, onde tem tempo de sobra. Aqui as coisas tem que ser ditas, e bem alto, para se poder ouvir enquanto faz outras coisas. Estamos sempre devendo e correndo atrás de tempo. Então, rapaz, se quer ter um sonho de artista, escreva essas radionovelas sentimentais ou algo assim. Melhor! Faça algumas canções, talvez alguém te ouça. Senão, meu velho...

Nossa. Não posso dizer que concordei com ele, mas a fala foi impactante naquele momento, além de totalmente inesperada. Lembro que fiquei desconcertado e deve ter ficado expresso em meu rosto, porque Castellis ficou cheio de satisfação. Ele provavelmente estava pensando como todo aquele mal-entendido havia, no fim das contas, servido para ele ter dado uma boa lição e ter eliminado uma possibilidade de escritor no mundo.

- Agora, *che*, está liberado. Como desculpas oficiais por todo esse mal-entendido posso lhe levar para seu albergue ou onde quiser. O que prefere?

- Não é necessário, respondi. Apenas me diga como chego até o Cemitério da Recoleta.

XXX

"Nosso corpo é tão-somente uma estrutura social de muitas almas."

FRIEDRICH NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*

Castellis entrou no casarão dos Costa em prontidão. Sentia sua arma debaixo do casaco e sabia que podia se utilizar dela rapidamente. Estava tão preparado para apontá-la a um inimigo desconhecido quanto ao Costa, se isso fosse uma armação sua. O piso térreo era apenas um pequeno hall com uma escada em caracol que levava à casa. Apenas quando começou a subir a escada, o detetive permitiu que Rodolfo entrasse, postado em sua frente. O mordomo estava apavorado, se sentia um escudo para Castellis.

A chuva havia parado totalmente e a casa estava vazia e ensolarada. O domingo estava tranquilo e se ouvia o barulho das crianças brincando pelo bairro e dos carros passando lentamente. Castellis deu uma volta por todos os aposentos antes de entrar na biblioteca. Se certificou de que não havia ninguém ou sinais de alguém que não fosse um habitante comum da casa. Fez algumas perguntas sobre a rotina da família para o mordomo e confirmou que estava tudo em ordem. Pela primeira vez em sua carreira, hesitava em ver a cena do crime.

Rodolfo esperava no hall, em frente ao escritório, olhando Castellis. O detetive perguntou se tinha um telefone na casa. O mordomo lhe mostrou onde ficava o aparelho, Castellis pegou o telefone, ouviu por alguns segundos o sinal da linha disponível e desligou. Tinha perdido sua paciência. Decidiu ver a cena do crime de uma vez, como fazia em todos os outros casos. Hesitou mais uma vez em frente à porta do escritório. Eram portas grandes, devido ao pé direito alto da construção, e a parte superior delas eram longas folhas de vidro tapadas por cortinas vermelhas. Se percebia que havia bastante

luz dentro da sala, mas não se podia enxergar seu interior, que aparecia difuso pela cortina.

- O que está esperando, senhor Castellis? - perguntou o mordomo.

- Fique quieto, estou procedendo como é necessário e me certificando que estamos sozinhos aqui.

Enquanto falava com o mordomo Castellis teve a impressão de ver um vulto na cortina. Sacou a arma com velocidade e abriu a porta com um ponta pé.

A janela do escritório estava aberta, e dava para um céu largo e claro. O sol estava postado de frente à janela e a iluminação abundante ofuscava a visão. Demorou até que Castellis pudesse ver com precisão o escritório. Era uma sala pequena, mas adequada para sua função. No centro havia uma grande escrivaninha cheia de papéis, canetas e uma máquina de escrever. Em um canto uma poltrona ao lado de uma pequena mesa com um abajur. O resto da sala, todas as suas paredes, eram prateleiras cheias de livros até o teto. A sala parecia estar em ordem, esperando a volta de seu dono. Castellis teve certeza que este era um truque do Costa e olhou indignado para o mordomo.

Haviam marcas de sangue no carpete, mas eram pequenas. A sala não tinha sinais de ter sido cena de alguma luta corporal. Quando chegou mais perto Castellis pôde ver que aquelas manchas de sangue estavam secas demais para serem da noite anterior. Estavam ali há pelo menos um mês. Será que a mãe de Costa estava fazendo um escândalo porque o filho saiu sem avisá-la? Ela era bem capaz disso, mas conhecendo o Costa, ele não sairia sem deixá-la segura.

Castellis analisou a sala exaustivamente. As gavetas da escrivaninha, os papéis rabiscados, os títulos dos livros, a cesta do lixo. Percebeu que todas as estantes

estavam completamente cobertas de livros, com apenas um espaço vazio no canto superior direito da parede da janela.

- Rodolfo, estas paredes sempre foram totalmente cobertas de livros assim, sem um espaço vazio?, perguntou Castellis, rindo amigavelmente.

- Sim, senhor Castellis. Essa era uma mania do Dr. Costa. Ele dizia que essa era a quantidade exata de livros que ele precisava. Andou colocando fora alguns livros para comprar alguns títulos novos. Era a principal mania do Dr., respondeu o mordomo.

- Nem um espaço vago?

- Nem um único que fosse!

Castellis subiu a escada para ver quais eram os títulos que estavam ao lado daquele espaço vazio. Não haviam livros sobre a mesa ou nos outros cômodos da casa que pudessem preencher aquele lugar. Havia um livro faltando, mas qual poderia ser ele? Quando pôde chegar mais perto viu que naquele canto ficavam as encadernações que continham os manuscritos do Costa. Eram encadernações coloridas de couro grosso. Castellis achou ali os trabalhos de todos os títulos de Costa. Ele já havia lido todos os romances, ainda que não deixasse ninguém saber, e se reconhecia no protagonista de todos eles. Um trem em Retiro, Morte na Chacarita, Tiros em Nuñez, A mulher da Recoleta e todos os outros. Diziam que o homem havia ficado famoso por transformar a cidade de Buenos Aires em um verdadeiro cenário de histórias policiais, mas Castellis sabia que a cidade já era um cenário, e Costa estava apenas contando os casos em que ele havia trabalhado.

O espaço vazio estava entre duas dessas encadernações, o que fez Castellis ter certeza que o que faltava era também uma encadernação de manuscritos. Costa

era obsessivamente organizado para colocar ali no meio um título que não fosse condizente. Mas o que este homem estaria escrevendo? Negri falou sobre suas idas ao jornal e seu silêncio nos romances. Todos os casos que eles haviam trabalhado juntos já estavam contados, certamente Costa já não sabia o que escrever. No que ele estaria se metendo para ter mais uma história?

O detetive precisava falar com H. Era a irmã de A., noiva do Costa, e mulher da sua vida. Castellis e H. tiveram um longo caso na juventude, mas ela o deixou. Desde o caso da Chacarita, em que Castellis esteve a ponto de ser assassinado, H. disse que não podia estar com alguém que dedicasse sua vida a crimes e perigos, ainda que fosse para resolvê-los. Chorando, falou que o esperaria até que decidisse fazer alguma outra coisa da vida. Então os dois poderiam ficar juntos, ter uma família, filhos, sem expor sua felicidade àqueles riscos. Mas o que ele podia fazer? Abrir um armazém ou trabalhar na loja do velho? Não era possível, aquilo era o único que Castellis sabia fazer, e fazia bem. Era sua vida. O maldito do Costa, depois de aprender tudo com ele, havia se distanciado daquela vida suja, e se tornado um escritor naquela sala confortável em San Telmo. E ainda por cima, para humilhá-lo mais ainda, ia se casar com irmã da mulher que ele amava, e Castellis não sabia de nada.

Decidiu ligar para H. O caso poderia ser sério, e talvez ela ou A. soubessem de algo que pudesse aclarar as coisas. Quando pegou o telefone notou que a linha estava com um sinal fraco e cheio de ruídos, mas funcionou mesmo assim. Quando ligou para a casa dos B... quem atendeu foi H. Castellis sentiu sua pressão cair e seus membros se amolecerem. Aquele caso todo estava estragando seu equilíbrio emocional e ele ficava ainda mais indignado

por isso deixa-lo completamente vulnerável a qualquer coisa de inesperado que pudesse acontecer. Antes de responder ao telefone, deu mais uma longa tragada no cigarro que recém havia acendido.

- Alô?

- H.? É Castellis.

H. ficou muda por alguns instantes, depois respondeu secamente:

- O que você quer?

- Escuta, não sabia que sua irmã ia se casar com o Costa.

- Eu não tenho nada a ver com isso, e muito menos você. Não é verdade?

- O Costa sumiu esta noite. Não é possível saber o que aconteceu, mas algo me diz que não é bom, e até agora eu sempre acertei.

- Oh! Meus Deus! O que você vai fazer, Castellis?

- Achar este desgraçado e dar um murro na cara dele, como já devia ter feito há muito tempo. H., o que o Costa vinha fazendo nos últimos tempos? Sabe no que ele vinha trabalhando? Preciso descobrir no que ele se meteu.

- Não sei, nunca o via. Posso perguntar para minha irmã. Meu Deus, ela vai ficar acabada.

- Não, não diga nada disso para ela. Não preciso de choro e comoção antes da hora. Agora é preciso pensar com frieza.

Castellis sabia que H. detestava quando ele falava que era necessário ter frieza, e sabia também o quanto ele mesmo não estava conseguindo agir com frieza nessa história toda.

- Está bem, respondeu H., não vou dizer nada para ela, mas por favor, me informe assim que achá-lo. Você precisa achá-lo, minha irmã não suportaria que algo acontecesse com ele.

- Se algo aconteceu, espero que não seja tarde. Vou fazer o possível. Estou com Rodolfo aqui, o mordomo dos Costa. Vou leva-lo à barbearia do Alemão. Você tem o telefone de lá. Qualquer coisa que souber sobre o que seu cunhado vinha fazendo me avisa, e se não conseguir me achar ligue para a barbearia e fale com Rodolfo.

- Está bem. Castellis...

A voz hesitou alguns momentos.

- Obrigado.

Castellis ficou mudo. Não poderia ser um caso que não mexesse tanto com sua própria vida? Falar com H. era demais. Ele sabia que havia sido precipitado, mas ele precisava falar com ela. Sentia que era a chance de seu trabalho ser valorizado por ela. O detetive não sabia o que falar, como terminar aquela ligação ou como alongá-la por horas, se fosse possível. Não ouvia a voz nem via H. há anos. Apenas sabia que ela seguia solteira e não estava envolvida com nenhum homem de Buenos Aires, uma informação fácil de adquirir para um homem como ele.

- Está tudo bem. Até logo.

E desligou o telefone antes que a mulher pudesse responder. Castellis sabia que sua atitude havia sido extremamente infantil, mas não podia expor seus sentimentos na frente do mordomo, e aquela ligação estava acabando com ele. Todo o caso do Costa perdia o sentido prático e ganhava um sentido emocional insuportável.

O que precisava ser feito por ora naquela casa já estava feito. Agora Castellis precisava deixar o mordomo na barbearia sobre a qual havia avisado H. e sair para alguns lugares onde pudesse obter informações sobre o Costa. O detetive fez algumas anotações enquanto o mordomo fechava a casa, exceto o escritório da vítima, que permaneceu intocado, inclusive com sua janela aberta. Castellis estava confuso, sentia vontade de se afastar

daquilo tudo, que virara, para ele, mais do que um caso, um mau presságio.

Quando desceram a escadaria em caracol, Castellis pôde ver que havia um homem parado em frente à porta da casa. Ele já os tinha percebido. Castellis tocou mais uma vez em sua arma em busca de segurança. O homem abriu a porta da casa e entrou chamando a atenção dos dois.

- Quem é você?, gritou o homem.

Castellis segurou seu revólver com segurança.

- Quem você pensa que é?, respondeu o detetive.

- General Sérgio Nuñez. Desça aqui, seu baderneiro.

Castellis se recompôs e desceu a escadaria com Rodolfo. O homem estava com seu distintivo oficial apontado para Castellis.

- Mostre-me sua licença.

Quando o detetive apresentou sua licença, que estava guardada na carteira, o general a tirou de sua mão e lhe apontou uma arma.

- Senhor Castellis ou quem quer que você seja, sua licença acaba de ser suspensa por tempo indeterminado, assim como seu porte de armas. Sei que o senhor deve estar armado, então deve soltar seu revólver no chão agora mesmo.

Castellis e Rodolfo ficaram visivelmente confusos. No lado de fora da casa haviam mais três militares vestidos à paisana segurando armas.

- Você está detido. Como é profissional, tenho certeza que saberá como proceder. Faça o que lhe pedi e me acompanhe até o carro. Você também, gordinho.

Castellis apenas assentiu com a cabeça...

"A cidade não é o conteúdo de uma obra, mas sua possibilidade conceitual."

BEATRIZ SARLO, Jorge Luis Borges,
um escritor na periferia

O bairro da Recoleta estava bastante movimentado naquele fim de tarde. Saí caminhando da delegacia pela rota que os policiais haviam me indicado, mas logo me perdi pelas ruas mais esquivas. Depois do que havia acontecido, estava evitando as avenidas mais largas e as calçadas com bistrôs. Queria estar um pouco à parte de todas as pessoas e ficar apenas com a cidade, o que quer que ela fosse. Para minha surpresa, ainda haviam algumas ruas de casas baixas e calçadas desgastadas naquele bairro onde predominam os grandes prédios, as boates e os shopping centers, e pude me sentir bem. Verdade que o calor estava escaldante, e foram preciso três paradas para beber água pelo caminho. Por sorte ainda haviam alguns armazéns e *kioscos* por ali.

A luz do sol batia nas calçadas de forma que parecia romper com a ilusão da metrópole erguida naquela terra e deixava ver a larga planície que a sustinha. Algumas calçadas quebradas mostravam o barro e a grama de que é feito aquele chão, expondo um espaço que não se deixa conquistar. Aos poucos me vi caminhando em um campo muito anterior a todas aquelas imagens que pairavam na superfície da minha visão. Debaixo daquelas calçadas e daquelas construções ainda havia o pampa, uma larga planície intacta e intocável, que hoje se mostra apenas em lampejos. Por muitos anos aquele campo havia aterrorizado os escritores e intelectuais argentinos, que o compararam a um deserto. Talvez não tenham se dado conta que aquele deserto, pela sua extensão e regularidade, parece ser um reflexo do próprio céu quando desnudo pelo sol. Às vezes, quando caminhava de madrugada por ruas que nem cheguei a saber o nome, a lua também se deixava estar a observar o pampa. Olhar para ela era

também perceber aquele campo eterno que hospedava uma grande cidade.

Estes momentos fazem de Buenos Aires uma cidade fantástica. É como um oásis no deserto. Este deserto, imapeável devido à sua grande extensão, mas também comedido, é como um labirinto a céu aberto, e a cidade que se encontra nele parece estar sempre em um ponto diferente da planície. Buenos Aires não é uma metrópole como as grandes cidades europeias. A Europa é um continente sólido e estabelecido, sua geografia já se deixou enraizar pelas cidades, que dominam seu território há milênios. As cidades da América Latina são flutuantes, como que pairam alguns centímetros acima da terra, e parecem estar sempre mudando de forma ou posição. A capital portenha se prendeu a um rio, na esperança de que este braço de água a contivesse em um mesmo lugar, mas nem mesmo o rio está sempre ali, e a cidade se torna uma invenção ou o desejo do olho do homem.

Foi um choque sair daquelas ruas sem nome, labirínticas e esguias, que pareciam romper com a linearidade das ruas portenhas, e me deparar com a *Avenida Callao*. Não havia como duvidar de sua solidez e toda a minha caminhada anterior pareceu apenas um devaneio. Pensei que se Heráclito fosse um portenho contemporâneo, diria que não se pode atravessar duas vezes a mesma avenida. Naquele instante, a nova metáfora para o tempo me pareceu mais convincente do que o rio, a algumas quadras de distância.

O sol já começava a baixar e iniciava o período chamado entardecer, quando a cidade revela suas luzes, que ainda disputam com a claridade de um resto de sol. É um dos momentos mais belos de Buenos Aires. Perguntei a um senhor em uma banca de revistas como chegar ao Cemitério da Recoleta, e ele me mandou que seguisse

algumas quadras pela *Avenida General Las Heras*, e depois pegasse a *calle Junín*. O caminho me fez lembrar de Borges e de um poema que diz "*Vuelvo a Junín, donde no estuve nunca*". Sei que o poema se referia à cidade de Junín, mas talvez essas palavras se correspondam com o que eu estava vivendo, e de alguma forma senti que continuava o poema, ou pelo menos este verso.

Cheguei finalmente em frente ao Cemitério da Recoleta. Neste momento me dei conta que não estava mais com meu *walkman*. Provavelmente ele tenha ficado com os policiais. Estaria começando agora mais um programa na Rádio Pirata - se é que os homens já não tinham achado o radialista verdadeiro neste meio tempo. Não me importei demais com o rádio porque queria ver o túmulo da família Bernabó, e talvez concluir uma teia de histórias na qual vinha me vendo envolvido muitas vezes durante minhas andanças pela cidade.

Fiquei muito desapontado ao ver que o Cemitério já estava fechado. Decidi então ir até a *Avenida Alvear*, pegar um táxi e ir de uma vez ao albergue para descansar daquele dia que já estava sendo excessivo. Ao ir em direção à avenida, não foi pouco meu espanto quando vi Helena sentada em um banco da praça em frente ao Cemitério. Eu nunca a havia visto nem sequer imaginado fora de sua loja, com seus móveis antigos e seus livros. Era como um rompimento com a realidade, algo que alterava a rotina de toda a cidade e beirava o inverossímil. Helena tinha um olhar vago voltado à praça, como se estivesse perdida no tempo. Pude perceber também, antes de falar com ela, como estava jovial para uma senhora de sua idade. Parecia que ela ficava mais jovem a cada dia, o que não deixava de ser assombroso.

Helena também pareceu ficar surpresa ao me encontrar. Perguntou sobre meu olho que estava roxo, o

que tratei de desconversar inventando algum acidente atrapalhado em meu quarto. Depois quis saber o que eu fazia por ali e por que não tinha ido mais em sua loja. Conversamos algumas amenidades até que percebi que Helena levava uma sacola com algo grande dentro e acima dela havia um buquê de flores. Perguntei a ela se vinha também ao cemitério.

- Sim, querido. Mas como você, cheguei tarde. Esse trânsito como está e o horário da loja acabam deixando difícil que eu chegue aqui a tempo, vindo desde San Telmo.

- Veio deixar flores aos seus familiares? - perguntei.

- Sim, à minha irmã em especial. Este era seria seu buquê de casamento, - e me mostrou um buquê de flores naturais que pareciam novíssimas - assim como o vestido que trago na sacola. Venho cuidando destes objetos há muito tempo. Hoje pensei que ela talvez gostasse de tê-los de volta.

A simplicidade de Helena ao dizer estas coisas fez que todo o mito em volta de sua família de alguma forma se naturalizasse. Ainda assim senti um leve frio na espinha e um suor gelado, pelo medo ou talvez pudor do que pudesse se revelar. Até então eu queria saber toda a história de Alfonsina Bernabó, mas naquele momento eu preferia não saber de mais nada e deixar a história incompleta em lugar de trazê-la à realidade. Helena parecia perceber isso e agia exatamente ao contrário do que eu esperava.

- Minha irmã se suicidou, querido - e me olhou de frente. Uma semana antes de seu casamento, seu noivo sumiu. Nunca mais se ouviu falar dele em lugar algum. Simplesmente sumiu, desapareceu. Sua mãe até hoje acusa a ditadura, mas nem isso pôde ser comprovado. A verdade é

que para mim isso já não importa, e o que sobra é que temos que aprender a conviver com os nossos mortos. Hoje ouvi a mãe dele falando no rádio durante a manifestação na *Plaza de Mayo*. Fico feliz que ela tenha achado sua forma de lidar com tudo. Para mim, infelizmente, isso não foi tão possível assim.

- Meus pêsames, Helena - respondi, na esperança que a história acabasse por ali. Ainda não tinha me livrado do cansaço da cena com os policiais e já tinha engatado mais uma longa caminhada à esmo. Pensava no meu quarto, no albergue sem luz, na palavra "gracias", na minha *Traveler* esperando montada e intocada. Helena, do meu lado, parecia ignorar tudo isso, inclusive a frase que eu havia dito, e desejava apenas falar.

- O homem que estava responsável pelo desaparecimento ligou para nossa casa para falar com minha irmã, mas quem atendeu o telefone fui eu - ela não estava. Ele queria saber no que o noivo estava metido, o que fazia, com quem andava, tudo. Eu não sabia muito dele, então não pude responder. Aí que o homem me avisou do desaparecimento e pediu que eu não contasse nada à Alfonsina - este é o nome da minha irmã. Mas eu não pude me conter, éramos muito próximas, apesar de eu ser mais velha. Conteí o caso para Alfonsina, e uma semana depois, naquele que seria o dia do seu casamento, minha irmã se afogou no *Río de La Plata*. Sinto a culpa por não ter cuidado dela a cada dia que passa.

Helena estava visivelmente abalada após contar esta história. Na esperança de consolá-la, disse que ela havia feito o que podia, a escolha havia sido de sua irmã e devia ser respeitada. Helena me olhou seria e disse "Não". Nunca entendi bem aquela resposta, mas seguí falando para tentar lidar com a situação. Mesmo achando atrevimento, resolvi perguntar sobre o vestido, onde ela

ia deixa-lo ou se sua irmã havia desejado ser enterrada com ele. Helena me olhou séria por alguns instantes, como se me interrogasse, depois respondeu.

- Com este vestido ela se atirou no rio. Seu corpo e sua roupa ficaram intactos até serem achados na costa do Uruguai. Este é um rio muito triste e pode ser dócil com os sofredores. Não sei o que ela está vestindo hoje, não tive coragem de olhar seu corpo no caixão ou não me lembro. Mas acho que a faria alegre ter seu vestido de volta. Talvez tenha achado seu noivo em algum lugar e esteja pronta para usá-lo novamente.

Helena estava comovida até as lágrimas, mas o final de sua fala inspirava uma certa superação. Pensei que ela já era muito velha para se torturar com estas coisas, que devia viver bem e feliz o resto de seus dias. De alguma forma eu queria ajudar. Começou a chover e ficamos os dois algum tempo ainda sentados no banco, que ficava próximo de uma árvore e dava algum abrigo.

- Quem sabe você não deixa o vestido por aqui mesmo, na praça? - perguntei.

Helena me olhou e sorriu com leveza, como fazia quando eu chegava em sua loja. Levantou do banco e disse que estava indo.

- Você também vem para San Telmo, querido? - me perguntou, para oferecer que fôssemos juntos.

Respondi que ficaria mais um pouco pelo bairro. Helena se foi e deixou o pacote com o vestido e o buquê ao meu lado no banco. Fiquei ali um longo tempo, como se esperasse alguém, sem me atrever a tocar na embalagem. A noite chegou e a chuva aumentou. Os bares e restaurantes tiraram as mesas da calçada e os poucos clientes que sobraram estavam nos interiores. O Cemitério impostava sua presença. Eu já estava ensopado quando decidi ir até a *Avenida Alvear*, cruzando a praça, para pegar um táxi.

"O escritor se calou. Não é capaz de contar nenhuma história. É impossível escrever. É escritor por sua vontade de ser, ou por sua paranoia controlada, ou pelos livros que já leu. Mais do que tudo pelos livros que já leu, ou pelos livros que gostaria de ter lido.

Não deixou de escrever por não ter o que falar, julgamento superficial de um mundo superficial; mas devido ao fluxo contínuo das palavras, que faz com que elas não se estabeleçam por tempo suficiente para se construir uma frase."

MAURICE BLANCHOT, *O livro por vir*

Intuições de um mito africano

(Ensaio)

RODRIGO TRUJILLO

O *mito* já foi encarado de diversas maneiras, de acordo com cada época, cultura, ou teoria disposta a defini-lo. No entanto, predominam duas concepções para o termo: a primeira vê o mito como uma ficção, invenção ou fábula - basicamente uma criação narrativa; a segunda vê o mito como uma história que representa a verdade sagrada, exemplar e significativa, unindo religião e metafísica. Estas duas definições não se excluem, mas se complementam. Estruturalmente, o mito é uma construção narrativa, mas o caráter destas narrativas, que diz respeito à segunda definição apresentada para o termo, visa fundamentar um universo, explicando de alguma forma a condição humana no mundo.

Existem ou existiram, ao redor do mundo, centenas de conjuntos de mitos que buscaram representar, cada um à sua maneira, as origens e o funcionamento do universo. A mitologia greco-romana é certamente uma das mais conhecidas e influentes na construção da subjetividade do mundo ocidental, mas não é um exemplo único, existem muitos outros conjuntos de mitos espalhados pela História, provindos das culturas das antigas civilizações americanas, do oriente, da África etc. Ainda que soe estranho dizer isto em um mundo considerado pós-moderno, em que o consumo e a racionalidade predominam em quase todo o globo terrestre, existem ainda hoje mitologias vivas, ou seja, nichos culturais que ainda vivem sob uma concepção mítica da realidade. Ainda mais curioso é dizer que estas mitologias vivem também nos entornos da cidade, símbolo do progresso e da racionalidade, como é o caso do candomblé no Brasil.

Entre todos os conjuntos mitológicos já registrados por historiadores e antropólogos pode-se perceber uma característica comum: o mito sempre conta histórias do tempo primordial, a época da criação, precedente à

realidade em que vivemos, por isso distante e inacessível. Seus protagonistas são em geral deuses ou entes sobrenaturais agindo para a criação, transformação e definição do mundo, sendo ao mesmo tempo exemplos e justificativas de grande parte da moral, da tradição e dos costumes da cultura que os engendrou. No entanto, o que mais interessa para esse ensaio é o fato de que os mitos explicam o mundo a partir das concepções de realidade próprias de cada cultura, deixando entrever em suas histórias um modo particular de compreender e relacionar os elementos de seu mundo.

Nas palavras de Mircea Eliade, "o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares"¹. Não pretendo, neste ensaio, construir uma etnografia de mitologias ou uma discussão sobre o conceito de mito, mas debater como a análise de um mito pode deixar entrever perspectivas de uma realidade cultural complexa e como estas perspectivas, que não deixam de ser o olhar do *outro*, podem ser reveladoras da nossa própria realidade.

Mircea Eliade escreveu também que

compreender a estrutura e função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.²

Dizia isto à respeito das culturas que ainda mantinham vivos seus mitos. No entanto, não me parece exagerado afirmar que a compreensão de um mito pode dizer muito não apenas de uma categoria específica dos nossos

¹ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. Tradução de Pola Civelli. p. 11.

² Idem nota 1, p. 8.

contemporâneos, mas também sobre a realidade em geral, que, se não vive mais um tempo mítico, se fundou e se desdobrou até o que é hoje a partir de mitologias, as primeiras explicações suficientes em seu tempo para a explicação e interpretação do mundo.

Estas explicações, ainda que repletas de elementos estéticos, não se produziam simplesmente por efeitos narrativos. Seus temas e os elementos utilizados nas histórias frequentemente remetem a filosofias práticas que constituíam a realidade destas culturas antes de sua "mitificação". Ou seja, ainda que os mitos invertam a causalidade das coisas, foram eles os frutos da tradição e das formas de vida e entendimento da realidade, não sua causa. Os exemplo mais abrangentes são os mitos cosmogônicos, sobre a criação do universo: são verdade porque o mundo está aí para comprová-los, no entanto, eles surgiram porque o mundo já estava aí necessitando de uma explicação. Ainda assim, cada uma dessas explicações deixa entrever em suas imagens uma realidade cultural e um entendimento de mundo que propiciam ainda hoje um outro olhar, uma visão de fora, à nossa volta, que pode ser atualíssimo.

No ensaio que segue pretendo me deter em uma mitologia que foi transportada da África para a América Latina na época dos tráficos negreiros, e aqui ganhou grande força e tradição, seguindo viva até hoje, principalmente no Brasil e em Cuba: os orixás. Como disse anteriormente, este trabalho não pretende desenvolver um estudo etnográfico sobre o candomblé e a umbanda no Brasil, mas analisar como sua mitologia lida com alguns elementos presentes hoje na nossa realidade e como os interpreta.

Seria incabível, na proporção deste artigo, realizar uma leitura abrangente sobre o candomblé. Por isso,

escolhi me deter sobre o deus - melhor dizendo, o orixá - mais curioso e mais mal compreendido deste panteão, mas também bastante popularizado no nosso imaginário e na nossa linguagem, mesmo entre os não-iniciados em sua mitologia: o Exu.

Alguns aspectos do Exu

O candomblé foi trazido da África para o Brasil na época da escravidão, tornando-se um culto forte em todo o país, predominantemente na Bahia. Na época, o Brasil estava ainda sob o jugo do império português, uma nação extremamente católica. A religião africana foi tolerada no Novo Mundo, mas não permaneceu imaculada. O candomblé que existe hoje no Brasil é marcado pelo sincretismo religioso, influenciado principalmente pela religião católica e pela própria história da escravidão no país.

Os representantes do catolicismo no Brasil, para aceitarem no país uma religião pagã que não poderia ser eliminada tão facilmente, criaram correspondências entre os santos católicos e os orixás africanos, como tentativa de cooptá-los à igreja. No entanto, estes mitos não compartilham uma visão de mundo semelhante, o que gerou inúmeras incompreensões e conseqüentemente recriações em relação aos mitos originais, vindos da África. A primeira grande diferença é que a igreja católica crê em um Deus único e todo-poderoso, enquanto o candomblé prevê um grande panteão de orixás, que são entes autônomos e dotados de uma personalidade constituída de pontos fortes e pontos fracos, como os deuses da mitologia greco-romana. A partir disto surge algo talvez ainda mais importante e revelador sobre o contato entre as duas religiões: para a religião cristã, o bem e o mal, o certo e o errado, o céu e o inferno são elementos

inquestionáveis muito bem definidos. O candomblé, por sua vez, tem uma compreensão menos dualista da realidade: o bem e o mal, por exemplo, são elementos que permeiam os orixás de forma geral, ainda que cada um deles possa eventualmente ter uma predisposição maior a um ou a outro.

Estes contrastes entre o candomblé e a igreja católica foram as principais razões para que o Exu se tornasse o orixá incompreendido. Roger Bastide, em seu estudo sobre o candomblé da Bahia, comenta que os etnólogos que recolheram os mitos de Exu na África utilizaram muitas vezes o termo *trisckster* para designá-lo³. Nestas histórias, Exu aparece algumas vezes sendo um ser malicioso, não confiável, disposto a fazer travessuras àqueles que não lhe renderem as devidas oferendas. No Brasil regido pela ideologia católica, o caráter ambivalente deste orixá, que pode tanto ser bom quanto ser ruim, fez com que ele fosse associado diretamente à figura do diabo, o elemento maléfico e demoníaco do mundo.

Entretanto, quem se detém sobre seu conjunto de histórias percebe que o Exu é um orixá que tende à neutralidade, mesmo sendo por vezes egocêntrico e vingativo - atributos que compartilha com o Deus cristão. Além deste termo de censura sofrido pelo orixá, interessam os aspectos da realidade que lhe dizem respeito e constroem seu caráter.

Exu é o orixá dos caminhos - tanto dos caminhos horizontais, os trajetos da cidade e das estradas, quanto dos caminhos verticais, aqueles que ligam a realidade superficial que vivemos com os planos superiores. Por isso todo ritual de candomblé começa com uma oferenda

³ BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 161.

para Exu, pois é ele quem liga os mortais com o mundo dos orixás. Em uma cultura religiosa de diálogo direto com os deuses, como é o candomblé, é ele também quem possibilita a compreensão entre a linguagem divina e a mundana, naturalmente diferentes, mas que são aproximadas ou "traduzidas" pelo Exu. Além disso, por ser aquele que liga todas as coisas, é considerado o orixá da comunicação, o que faz supor que todo diálogo e toda a teia de relações possíveis entre os elementos seja regido por Exu, o que o dá, por sua vez, um caráter ordeiro.

Por ser o orixá dos caminhos e da orientação, é considerado o protetor das cidades. Seu lugar são as encruzilhadas, o encontro de caminhos. As oferendas para Exu feitas fora do terreiro, o templo do candomblé, são frequentemente deixadas nas esquinas, pois acreditam que o orixá caminhante em algum momento há de passar por elas. Por fim, sua figura é frequentemente representada por um ser com chifres e um grande falo, para simbolizar o prazer e a fertilidade, que também são seus domínios. Um aspecto curioso de Exu é o fato de ele ser o único orixá além de Oxalá, o criador do cosmos, a aprender a criar homens e mulheres, o que pode nos fazer supor que sejam seus domínios também a criação e a criatividade.

Roger Bastide definiu curiosamente o Exu como "o elemento dialético do cosmo"⁴, pois são seus caminhos que ligam e comunicam cada compartimento do real, assegurando a unidade do mundo. Isso faz pensar que os caracteres constituintes deste orixá não podem ser totalmente arbitrários, mas partes de uma relação refinada de compreensão de mundo. A seguir abordaremos os tópicos centrais levantados pelas características deste orixá que parecem ser relevantes em nosso cenário contemporâneo,

⁴ Idem nota 3, p. 172.

tentando captar algo que a intuição mitológica parece querer dizer sobre suas relações e representações.

Exu-Flâneur: as cidades

A cidade também tem suas origens explanadas em diversas mitologias. Um dos mitos mais famosos é o da fundação de Roma, por Rômulo. A Bíblia também conta no Gênesis a criação daquela que diz ser a primeira cidade, Enoque, batizada com o nome do filho de Caim, seu fundador. Ambas histórias são protagonizadas por personagens com uma descendência próxima das divindades, sendo Caim um dos primeiros homens nascidos do ventre de uma mulher e Rômulo filho direto do deus Marte. Curioso notar que na gênese das cidades estão sempre envolvidas narrativas perversas, que com frequência envolvem fratricídio - Caim havia matado seu irmão Abel, e Rômulo matou seu irmão Remo quando este se enciumou pela fundação de Roma - e não deixam de se assemelhar às histórias de duplos que povoam as mitologias e as literaturas.

Enoque⁵, que deu nome à primeira cidade da Bíblia, foi o primeiro descendente da linhagem mais maléfica provinda de Caim. A cidade é desde o princípio um acontecimento sob o signo do mal, principalmente no que diz respeito às relações humanas. Isso porque é uma obra que desobedece as leis divinas e impõe suas próprias leis, que são plurais ou pelo menos dialógicas. O múltiplo ou o plural, como pode ser percebido na interpretação de Exu dada pela ideologia católica, tende a ser visto como maléfico por se manter sempre com uma

⁵ Há na Bíblia mais de um Enoque: um descendente de Caim e outro descendente de Seth. Estes personagens homônimos e a confusão narrativa gerada por eles fortalece mais ainda o tema do duplo na cidade.

feição ambígua ou indefinida. Com a cidade nasceu a multidão, uma "entidade" essencialmente indefinida composta por uma massa de muitos indivíduos, que nunca deixam estabelecer quem ou quantos são. A multidão é como um duplo da cidade. Algumas das melhores representações da cidade e da multidão, acompanhadas muitas vezes pelo tema do duplo, estão nos contos de Edgar Allan Poe, principalmente em *O homem da multidão*, *William Wilson* e suas clássicas narrativas policiais.

É interessante notar, a esse respeito, que o mito das cidades está desde sempre ligado ao problema da comunicação. Quando foi construída a torre de Babel, por exemplo, o castigo dos deuses foi a multiplicidade de línguas e a impossibilidade do diálogo. Esta é outra narrativa mítica que segue sendo fortemente atual, principalmente em um contexto de conexão global, como o vivido hoje. O excesso de signos é uma das características da cidade, e esse excesso, que indica um colapso, não deixa de conter um certo índice de terror.

Pensar a cidade pode, talvez ser mais interessante se não for vista como um lugar, mas como um caminho - mais especificamente como um espaço condensado de caminhos. Um lugar precisa de singularidade e de identidade para se definir, precisa ser um centro; a cidade, em seu todo, é um grande cruzamento de caminhos, centros, tempos, ritmos, histórias, imaginários e falas. Benjamin disse que "a cidade é a realização do antigo sonho do labirinto"⁶, mas acredito que seja ainda mais complexo que isso por se tratar de um labirinto múltiplo e aberto. O labirinto tradicional é um espaço condensado de caminhos cujo trajeto livre é único, todos os outros são bloqueados por obstáculos intransponíveis. Na cidade

⁶ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 203.

todos os caminhos são abertos assim como todos mantêm uma possibilidade do inesperado e do acaso, fragmentos de cruzamentos que não podem ser previstos. Por isso a cidade é sempre temida por aqueles que não vivem a sua lógica, como se pode ver nos contos *gauchos* de Borges.

Assim como o Exu, a cidade provê um sem número de relações e diálogos que se dão tanto horizontalmente, em suas ruas que ligam arterialmente todos os lugares da cidade, quanto verticalmente, como a sobreposição de tempos em sua paisagem, que faz com que a cidade seja sempre um terreno composto de elementos anacrônicos, criando uma multiplicidade temporal visível em seus contornos. Para que a cidade possa ser um lugar, é necessário fundir seus caminhos e criar uma unidade. Muitos dos monumentos e marcas urbanas têm este desejo, no entanto não demarcam mais que seus arredores, um lugar que não abrange a cidade como um todo. Para que isso possa simbolicamente acontecer é preciso um outro uso da cidade, de forma que ela deixe de ser um exterior de caminhos para se tornar um interior e um lugar.

O tipo que realiza esta equação foi batizado por Walter Benjamin como *flâneur*, é o caminhante sem rumo que anda pelas ruas tendo como objetivo experimentar todas as espécies de cruzamentos possibilitados por elas. O lugar do *flâneur* são os caminhos, os cruzamentos e os diálogos, que se tornam algo uno e único em sua leitura sintética, ainda que sigam essencialmente múltiplos. O *flâneur* é o leitor de vanguarda de Barthes, que vê na cidade um texto aberto e "recolhe fragmentos para atualizá-los em segredo"⁷, criando uma leitura definida, composta de relações e rastros, ainda que nunca se deixe acabar.

⁷ BARTHES, Roland. "Semiologia e urbanismo" In: BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Tradução de Mario Laranjeira. p. 228.

De acordo com Benjamin, a *flânerie* foi uma prática criada pela metrópole moderna, no caso a Paris de Baudelaire. Curioso pensar que as características deste personagem moderno que é o flâneur já se encontram em um mito africano, considerado erroneamente como "primitivo" por muitos de seus intérpretes, que não perceberam sua atualidade. O Exu é um *flâneur*, está sempre criando caminhos variados pelas ruas. Passa por todos os lugares, indistintamente. No entanto, toda sua mitologia e os rituais que a seguem deixam claro que o espaço essencial do orixá das "intercomunicações"⁸ são as encruzilhadas e esquinas.

As esquinas e as encruzilhadas, que são um encontro de esquinas, são intersecções entre os sentidos. A esquina está no ponto de contato entre duas ruas, é a própria fronteira entre elas. Ali reside a possibilidade do caminhante mudar a rota de sua direção, e ainda que siga um caminho reto, a esquina sempre impõe uma dúvida ou uma sugestão. A esquina propriamente dita é um ponto talvez inexistente ou quem sabe uma metáfora, justamente o que a faz essencialmente plural.

As ruas existem concretamente. Podemos falar delas usando como exemplo a *Calle Chile* e a *Calle Peru*, em San Telmo, bairro de Buenos Aires. Um caminhante que anda por qualquer uma delas, em algum momento do trajeto estará no exato ponto onde elas se encontram. Aí, toda a convicção deste caminho se esvai, pois a unidade do percurso estará desfeita e o caminhante não estará nem em um lugar nem em outro, mas exatamente fronteira destes dois limites, em um espaço suspenso de sentido e direção. A esquina formada por este encontro existe, mas não autonomamente, apenas enquanto diálogo. Ela não recebe um nome, não é

⁸ O termo foi usado por Roger Bastide em seu estudo sobre o candomblé da Bahia. Vida nota 3, p. 184.

um texto definido, mas justamente o limiar dos discursos que são as ruas. Um espaço essencialmente dialético que existe com uma designação dupla, *Chile y Peru*, para refletir a ambiguidade deste não-lugar tipicamente carnavalesco, de mistério e indefinição que é a esquina. Este é o lugar do Exu, que é a própria intersecção entre os dois (ou mais, no caso de uma encruzilhada) sentidos.

Exu-Lugar: os discursos

A esquina, o sintagma mínimo da encruzilhada, se define assim como um espaço. Um espaço que não é centro, mas margem - ou talvez fosse melhor chamar de entre-margens. É um espaço de suspensão e questionamento, é o *outro*. Muitos grupos sociais já ocuparam ou ocupam ainda esta posição de esquina, que significa estar fora do lugar, no centro de um cruzamento, mas à margem dos sentidos definidos. Aqueles que povoam as esquinas são comumente entendidos como marginais.

Os africanos escravizados e seus descendentes ocuparam este lugar no Brasil por um longo tempo, e lidam com estas consequências até hoje. Não surpreende que nas épocas mais graves de sua história, a crença e devoção ao orixá Exu tenha se desenvolvido tanto. Roger Bastide comenta que

Exu presidia à magia, na grande revolta dos escravos contra o regime de opressão a que estavam submetidos, tornando-se o protetor dos negros (magia branca), ao mesmo tempo em que dirigia cerimônias contra os brancos para enlouquece-los, mata-los, arruinar as plantações (magia negra).⁹

⁹ Idem nota 3, p. 162.

Mais adiante no mesmo texto, o autor comenta que um pesquisador, Nina Rodrigues, que havia feito pesquisas anteriores sobre o mundo do candomblé, percebera na crença dos orixás um dualismo entre o princípio do Bem, representado por Oxalá, e o princípio do mal, representado por Exu. No entanto, para Bastide, esse dualismo não existe, e se existe de algum modo, se dá como um confronto entre Religião e Magia. Observando bem esta oposição e as histórias que a envolvem, fica claro que se trata de uma relação de distâncias. A religião, Oxalá e as grandes histórias mitológicas são o passado, distante e inalcançável mas compreensível; a magia é o presente, cotidiano, próximo e manuseável, ainda que sempre mantenha algo de incontrolável e inapreensível, como o é fantástico. Exu, representando a magia, é considerado o orixá mais próximo do ser humano, tanto por ser quem liga os mundos, quanto pelas próprias características de sua personalidade. Ele é o *duplo* do homem, e muitas vezes o que se vê nele são seus próprios temores ou desejos refletidos. Todos os que são colocados neste lugar indefinível do outro, que agem pelos cantos, acabam representando (ou refletindo?) este papel de transgressão nas relações com os que os distinguem.

Muitas sociedades, se podemos chamá-las assim, são de esquina. Além dos negros escravizados, que viveram uma experiência que extremou estes contrastes, podemos ver semelhanças dessa relação transgressiva também na vida dos jogos e da prostituição parisiense retratados por Walter Benjamin. Outro exemplo interessante é o relato dos grupos gângsteres de Boston feito por William Foote Whyte em um livro com o título instigante de *Sociedade de esquina*, onde conta o funcionamento desta contra-sociedade instaurada no seio do capitalismo, os Estados Unidos.

A própria cultura da América Latina, se é que pode ser definida no singular, também já foi retratada como uma fala de esquina. Em um artigo famoso e polêmico, o crítico e escritor brasileiro Silviano Santiago definiu o lugar do discurso como um *entre-lugar*, conceito que guarda muitas semelhanças com o a esquina, ainda que tenham sido extensivamente abordados pelo autor aspectos de combate e enfrentamento do discurso. A volubilidade do narrador de Machado de Assis, estudada por Roberto Schwarz também parece ter muitas semelhanças com uma lógica de esquinas, assim como a escrita enciclopédica borgiana.

Um exemplo curioso usado por Silviano Santiago, que se relaciona com esse poder de cruzamentos do qual o Exu é responsável, vem de um romance de Julio Cortázar, *62 modelo para armar*. Quando um personagem argentino vê escrito no espelho de um banheiro de restaurante em Paris a frase "Je voudrais un château saignant". Este pedido por um bife mal-passado se tornou em sua tradução o desejo de um castelo sangrento. Essa suspensão do sentido estabelecido abre lugar para uma outra percepção, que só pode ser feita pelos cantos da linguagem ao mesmo tempo que é uma ressignificação digna de um *trickster* como o Exu.

O mesmo vale no que diz respeito ao trabalho de Pierre Menard, personagem do conto de Borges, também comentado por Silviano Santiago. Quando ele reescreve *ipsis litteris* algumas passagens do Quixote de Cervantes, muda completamente os sentidos e as relações internas de cada frase, ainda que superficialmente elas sejam as mesmas. Essa escritura disfarçada de citação cria o duplo do Quixote, seu reflexo e sua transgressão, que me parece a palavra-chave para o entendimento deste lugar discursivo das esquinas. Os domínios do orixá das

intercomunicações, como definiu Roger Bastide, na semiologia da cidade deve ser a esquina, e no texto a palavra ou o signo, e todas as suas aberturas intertextuais, para falar com Julia Kristeva.

Exu-Palavra: a intertextualidade

Julia Kristeva, ao comentar a obra de Mikhail Bakhtin, inicia seu discurso abordando a necessidade de uma outra lógica para as ciências humanas que não é a mesma lógica das ciências exatas. Enquanto a última trabalha com a matematização racional da realidade, as ciências humanas precisam de uma lógica dialógica para poderem estabelecer seu pensamento, que é essencialmente instável e anti-exato. Esta lógica dialógica, que para ela é própria do texto e da escritura, especialmente quando fazendo uso da palavra poética, é semelhante à posição que Exu mantém dentro da mitologia dos orixás. Kristeva propõe uma visão espacial da escritura, em que

(...)a "palavra literária" não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior.¹⁰

Para ela, o texto é composto por estas três dimensões: o sujeito da escritura, o destinatário e os textos anteriores, sendo os dois primeiros pertencentes à horizontalidade da palavra e a última à verticalidade. A "palavra literária", assim como o Exu, é quem realiza este cruzamento que a autora chamou de *intertextualidade*, palavra muito em voga até hoje.

¹⁰ KRISTEVA, Julia. "A Palavra, o Diálogo e o Romance" In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p. 62.

O que interessa é que nessa relação onde escrever é sempre reescrever, pois "todo texto se constrói como mosaico de citações", sendo "absorção e transformação de um outro texto"¹¹, as palavras ganham um sentido no mínimo duplo, se não múltiplo. As palavras sagradas há muito tempo são vistas como múltiplas. Swedenborg afirmava que todas as palavras da Bíblia guardavam dois sentidos, enquanto Dante acreditava que eram quatro. Mesmo assim, acreditavam que estes sentidos estavam escondidos, e eram uma verdade estabelecida. A palavra poética aparece como um discurso sempre aberto, insubordinável. Um discurso que mais reflete e distorce do que propriamente diz, como a imagem do duplo. A própria Kristeva afirmou esta tese quando disse que "a linguagem poética no espaço interior do texto, tanto quanto no espaço dos textos, é um 'duplo'" ¹², devido à sua infinidade de junções e combinações possíveis, destruidoras de toda hierarquia e de todo o pré-estabelecido.

A palavra poética já foi vista também como o mal, como magia perversa, por sua ambivalência e por seu caráter plural, assim como o Exu. Não à toa Platão excluiria os poetas de sua república. Para ele o livro era como uma esfinge, um mistério na esquina entre a vida e a morte, que fala mas não responde, além de ser uma arma perigosa em mãos erradas. Para Borges, por outro lado, o livro, em todas as suas possibilidades físicas, é como um instrumento, mas diferente dos outros instrumentos, que servem como extensão do corpo, o livro é uma extensão ou caminho à dimensão da imaginação. É um diálogo entre planos distintos cujo caminho possível é o livro.

¹¹ Idem nota 10, p. 64.

¹² Vide nota 10, p. 68.

Um outro problema tradicional da palavra poética é sua autoria. Para Roland Barthes escrever é se desfazer dentro da linguagem, algo que Julia Kristeva, sua aluna, também acreditou. Para eles, o autor, ao se inscrever em um texto, se reduz a uma ausência ou a um anonimato que deixa que as estruturas livres para serem elas mesmas e entrarem na rede de diálogo dos textos. Ou seja, o "autor" de todos os textos, se podemos usar ainda este conceito, é a própria linguagem.

A ideia de um autor acima do autor empírico também é antiga e mitológica. Homero é um grande mito grego, ainda que signifique através de suas próprias palavras e não de suas histórias. Foi autor de dois livros radicalmente distintos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, que teve um poder sagrado na civilização grega e até hoje exerce poder nos literatos. Podemos entendê-lo, de alguma forma, como uma personificação da linguagem dentro do imaginário mitológico grego. Da mesma forma o Espírito Santo. A Bíblia Cristã tem o princípio de uma biblioteca, é uma seleção de livros de autores diferentes em épocas diferentes. Estes autores empíricos se tornaram todos, para a formação do cânone, ausência, e suas palavras foram todas significadas por um outro autor que ganhou o nome de Espírito Santo, a fala divina.

É curioso, ainda que ideologicamente compreensível, que o Exu, sendo orixá da comunicação, tenha sido relacionado com o diabo, com Santo Antônio, com São Pedro, mas nunca com o Espírito Santo, o escritor. Os cabalistas acreditam que as palavras e nomes sagrados sejam escritos de uma forma que há controle total dos signos, que podem ser lidos de qualquer maneira, com qualquer reconstrução do código, que irão sempre dizer o que tem a dizer. Se isto é verdade não sei, mas o próprio nome de Exu guarda uma simbologia do que seria o própria

ato de escrever, ou de se inscrever no texto, simbolizando uma dispersão do indivíduo ao inscrever um cruzamento dentro do "eu". Exu: a encruzilhada do sujeito.

Não tenho certeza de que toda esta reflexão tenha algum valor teórico concreto e nem se podem haver valores teóricos concretos. Ainda assim, acredito que a exposição e a transgressão de um mito como este pode ser de algum interesse. Os mitos são uma espécie distinta de conhecimento, que talvez seja precipitado chamar de "ultrapassado", quanto mais de "primitivo", como muitos designaram as mitologias africanas. Acontece que os mitos não se baseiam diretamente em conhecimentos científicos, e, por outro lado, são um fato estético, o que dificulta seu entendimento como um conhecimento em nossos dias. Para Borges, o fato estético é a iminência de uma revelação, que pode, por sua vez, nunca se concluir. Assim parecem ser também os mitos, a intuição de um conhecimento que pode ser muito mais abrangente do que nosso pensamento compartimentado, ainda que talvez nunca se conclua, por ser feito de imagens, que fazem com que os seus sentidos possíveis se mantenham dinâmicos e variáveis, como uma obra clássica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. "A morte do autor" In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BARTHES, Roland. "Semiologia e urbanismo" In: BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Tradução de Mario Laranjeira. p. 219-231.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGES, Jorge Luis. *Borges, oral*. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas vol. IV*. 2ª edição. Buenos Aires: Emecé, 2009.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. Tradução de Pola Civelli.

KRISTEVA, Julia. "A Palavra, o Diálogo e o Romance" In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p. 61-90.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-americano" In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 9-26

SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina = Street corner society; a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.